ANO II — JANEIRO DE 1952 — N.º 14

O jornal dos Pupilos do Exército

Deus, Pátria e Família

QUERER É PODER

REDACTORES PRINCIPAIS: *David Sequerra e Vital dos Reis* DIRECTOR: **FERNANDO LOUREIRO** EDITORES: *Cursos Finalistas*

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Propriedade do I. P. P. E. / Comp. e imp. na Gráfica Almondina / Torres Novas

ALGO DE NOVO

Ao escrever estas linhas, não pretendo o apoio daqueles que por acaso o pensem, mas sim, fazer um apelo àqueles que porventura percam um pouco do seu precioso tempo, lendo estas poucas mas convictas linhas, que são, em meu fraco entender, a voz da consciência de um simples amador do desporto columbófilo.

COLUMBOFILIA, palavra a muitos desconhecida, mas que praticada em toda a acepção da palavra, apenas nos traz benefícios, tais como: persistência, pois que sem ela nada ou quase nada se consegue na vida, amor ao lar, claro que para aqueles que pensem um dia em constituir e mesmo para aqueles que já têm constituída a sua família.

E mais não direi para não vos roubar mais tempo, porque teria muitíssimo que enunciar.

Porque haveis vós, desportistas caçadores, de destruir tão simpáticas avezinhas, como são os pombos correios, que nos dão tais benefícios e ainda algo de mais importante, que são as lições por elas escritas, pois se pensardes bem, vereis, como essas avezinhas soltas a dezenas e até centenas de quilómetros para não dizer mais, fatigadas muitas vezes pela fome e sede, procuram denodadamente os seus filhos, suas fêmeas e seu lar, lutando desesperadamente contra as intempéries e passando por toda essa série de aves de rapina.

Estou certo, que nem todos conseguiriam lutar como estas avezinhas pelo lar, filhos e fêmeas, como elas e que ao fazerem-no, nos dão uma firme lição de boa vontade, tenacidade, persistência, etc..

E' pouco, bem o sei, tudo o que acabo de dizer, para o muito que teria de divulgar mas para não se tornar mais monótono ficarei por aqui, fazendo um apelo aos desportistas caçadores, que como eu, têm o seu desporto favorito e como tal o gostam de praticar, mas praticá-lo sim, não prejudicando os seus confrades, que a estas simples e inofensivas aves dedicam o seu amor e são a sua grande paixão desportiva.

A todos os que leram estas linhas eu quero agradecer, mas em especial aos desportistas caçadores eu ficarei imensamente grato, certo de que no futuro saberão compreender as modestas palavras de um simples amador do desporto columbófilo.

Lisboa, Janeiro de 1952

José O. Matos Silva
(aluno do 4.º ano de M. E.)

C A Ç A

Continuação

Para melhor ficar assente a destrinça que fiz, citarei um exemplo no qual se vê essa mesma destrinça.

Conta-se que residindo em Lisboa certo homem apaixonado da caça, passava todos os domingos de manhã a caminho do pinhal de Almada, acompanhado de seu inseparável cão.

Quando vinha à tarde, o homem voltava verdadeiramente satisfeito. mas sem peça nenhuma no perdizeiro e com a cartucheira intacta.

Depois de lá ter passado vários domingos, eis que o aguardava uma grande desilusão; encontrou-se com um atirador nesse mesmo pinhal.

Esse homem, que o único motivo que lá o levava era ver o seu cão trabalhar no rasto de uma codorniz, e depois de ela levantar, apontar a arma e não puxar o gatilho, para depois voltar a acontecer o mesmo. Eis que nisto residia o seu prazer.

Ora num belo domingo o seu cão levanta a codorniz, ele põe a arma à cara e a codorniz cai «redonda».

Volta-se e vê na sua frente um atirador e diz-lhe: «você impossibilitou-me de aqui voltar».

Este excelente caçador viu-se assim privado do seu prazer, pois era a única codorniz que ali havia.

Aqueles que um dia cacem, façam-se ou procurem fazer-se verdeiros caçadores, para sentirdes o verdadeiro prazer que só estes podem experimentar.

Daqui saúdo todos aqueles que se divertem com tão belo e saudável desporto.

Lisboa, Dezembro de 1951

Armando Albino de Oliveira Soares
(Aluno do 4.º ano de M. E)

TARDE DANÇANTE

No passado dia 27, os alunos finalistas deste Instituto levaram a efeito uma tarde dançante com a colaboração da orquestra «Bolero», a qual decorreu bastante animada e em agradável ambiente familiar.

ESTE NÚMERO DE "O JORNAL DOS PUPILOS DO EXÉRCITO„ FOI VISADO PELA C. DE CENSURA

A Emissora Nacional no Instituto

No passado dia 12, a Emissora Nacional dedicou um serão recreativo aos alunos do Instituto, que constituiu uma boa jornada de cultura musical.

O serão dividiu-se em duas partes.

A primeira parte teve a colaboração dos cantores José António e Maria Emília Guinot, do cançonetista Rui de Mascarenhas, acordeonista Eugénia Lima e a Orquestra Ligeira dirigida por Tavares Belo.

O programa desta primeira parte foi o seguinte:

ABERTURA: — Pela orquestra de Tavares Belo

1) Beguin the Beguine (Cole Porter) — Canto e orquestra: Rui de Mascarenhas.

2) Meu Herói (Óscar Strauss) — Opereta «Soldado de Chocolate» — Canto e Orquestra: Maria Emília Guinot.

3) Ilda (Eugénia Lima) — Acordeão: autora

4) Arrivederci Roma Mia (Derevitsky) — Canto e Orquestra: José António.

5) High Heels (Trevor Ducan) — Orquestra.

6) Ária da zarzuela «El Berbero de Sevilla» (Gimenez) — Canto e Orquestra: Maria Emília Guinot.

7) João Núncio (Eugénia Lima) — Acordeão: autora.

8) Encontro às Dez (bolero de Nóbrega e Sousa, Jerónimo Bragança) — Canto e Orquestra: Rui de Mascarenhas.

9) Corridinho (Eugénio Lima) — Acordeão: autora.

10) Ária da zarzuela (La Dolorosa» (Serrano) — Canto e Orquestra: José António.

FECHO — Orquestra.

Na segunda parte, colaboraram o Coro Feminino da E. N., o Sexteto Vocal Masculino, as cançonetistas Maria de Lourdes, Maria Fernanda e Margarida Amaral, Vicente da Câmara e a Orquestra Típica Portuguesa, dirigida por Belo Marques.

O programa desta segunda parte foi totalmente preenchido por música portuguesa e foi o seguinte:

ABERTURA — Orquestra.

1) Corridinho 1950 (J. Figueiredo) — Orquestra.

2) Cirandinha (Folclore) — Coro Feminino.

3) Sei que não sei (Casimiro Silva) — Canto e Orquestra: Margarida Amaral.

4) Fado Lopes — Canto, guitarra e viola: Vicente da Câmara, José Nunes e Júlio Gomes.

5) Rosinhas de Toucar (Belo Marques) — Canto e Orquestra: Maria de Lourdes.

6) Alfazema e rosmaninho (César Mateus, J. da Cunha) — Sexteto vocal masculino.

7) Envergonhada (Eduardo Loureiro) — Canto e Orquestra: Maria Fernanda.

8) Fado corrido — Canto, guitarra e viola: Vicente da Câmara, José Nunes e Júlio Gomes.

9) Beira Baixa (Belo Marques) — Canto e Orquestra: Maria de Lourdes.

10) Macelada (Frederico de Freitas) — Coro misto e orquestra.

FECHO — Orquestra.

PEQUENAS *notícias*

Realizaram no dia 12 de Dezembro uma visita de estudo às barragens de Castelo do Bode e Belver, acompanhados dos Ex.mos Professores das diferentes Cadeiras, os alunos do 3.º e 4.º anos de Construções e 4.º ano de Máquinas.

Também no dia 15 de Janeiro, foram em visita de estudo às Oficinas de Material Aeronáutico, acompanhados do Ex.mo Capitão-Tenente Flávio da Costa, os alunos do 2.º, 3.º e 4.º anos de Mecânicos-Auto e 3.º e 4.º anos de Óptica.

Foram admitidos, no 2.º concurso, como alunos da Escola do Exército, os nossos colegas: 41 (Nogueira), 61 (Coelho), 66 (Dourado), 148 (Monteiro), 175 (Marques), 185 (Soares), 211 (Varela) e 321 (Peste).

No dia 29 findo, inaugurou-se na 2.ª Secção um refeitório, melhoramento este que há muito se fazia sentir, pois evita-nos duas longas e maçadoras caminhadas por dia, especialmente no inverno.

Consta que, brevemente, será inaugurada uma cantina, também na 2.ª Secção.

O PEIXE

É incalculável o número de peixes que contém o mar, de variadíssimas espécies, diversos na forma, qualidade, cor e grandeza, desde o peixe com dimensões prodigiosas até ao mais insignificante peixinho que temos ocasião de apreciar. Efectivamente, em qualquer lugar do mundo, onde haja água, encontram-se peixes de uma espécie ou outra. Há-os no Lago Titicaca, a 4240 metros acima do nível do mar, no Lago Salgado, nos poços alcalinos, nos rios, lagoas, na água sulfurosa dos «geysers», nas crateras vulcânicas, etc. Pode-se adoptar como unidade para a contagem o milhar.

Enquanto uns só podem viver nas águas tropicais, outros há que povoam as águas frias do Arctico e do Antárctico, outros habitam pequenos cursos de água, tanques, água salobra dos estuários ou preferem o mar largo e salino. Também há os que se aventuram nas profundezas do mar onde não chega a luz solar e a pressão ultrapassa toda a concepção humana, outros que não passam da superfície.

Comparando os com os animais domésticos verifica-se que nenhum destes se reproduz tão abundantemente. E entre os mamíferos a maior percentagem só reproduz uma vez por ano, não ultrapassando nenhum o número de cem em cada reprodução. Nas aves não se encontra nenhuma que ponha mais de 150 ovos por ano. Analisando a reprodução do peixe verificamos que o bacalhau põe 900.000 ovos por ano, o lúcio 40 000 e assim sucessivamente. Se não fosse a pasmosa reprodução destes animais sujeitos a tantas causas de destruição, algumas espécies desapareciam.

Embora a maioria sejam carnívoros, há os que são vegetarianos e insectívoros.

Parece terem sido os Chineses, o povo que primeiro se dedicou à indústria das pescarias e da piscicultura, que consiste em recolher os ovos dos peixes, fecundá-los artificialmente, sabendo dispor o melhor possível as circunstâncias exteriores para o maior desenvolvimento dos peixes. Na Antiguidade já existiam povos que se alimentavam sòmente de peixe, havendo ainda hoje algumas tribus, nas regiões polares, que fazem dele o seu principal alimento, acontecendo, em parte, nas povoações costeiras dos países marítimos.

O peixe, salvo a excepção em que a gordura é superabundante, é fàcilmente digerível tornando-se conveniente para os indivíduos que levam uma vida sedentária. O fósforo que contém torna-o capaz de reanimar as forças do homem extenuado pelos excessos.

Os ovos ou ovas de alguns peixes, tais como o lúcio, lampreia, etc., são prejudiciais à saúde, já não acontecendo o mesmo aos ovos de sável, carpa, etc.

Há países que só o obtém salgado, por exemplo o bacalhau e o arrenque. O peixe salgado perde parte do seu gosto, tornando-se indigesto, mas no entanto é bastante procurado. A conserva de peixe, que grande desenvolvimento tomou e que grande procura tem, é um dos meios de o utilizar para a alimentação, constituindo uma grande riqueza para os países possuidores de tão grande indústria.

Os peixes são uns animais muito vorazes, nutrem-se muito e devoram-se com bastante facilidade. A sua vida é uma constante luta em que a vítima geralmente é o mais fraco.

Vital dos Reis

Ex-alunos que partem... Saudades que ficam!

No dia 10 de Janeiro, a bordo do navio Alfredo da Silva, partiu para a Guiné Portuguesa, o ex-aluno 391, Medina Carreira.

Nós lá estivemos na despedida final e estou certo que, apesar de não ter sido incumbido, levei até ao Medina toda a saudade de aqueles que o conheceram.

A sua personalidade rígida e bem formada, além do seu alto grau intelectual, levaram-no ao lugar de comandante de Batalhão em 1951 e principal redactor deste Jornal. Muitas mais vitórias alcançará, por certo, agora na vida técnica que irá desempenhar. São esses os nossos votos que daqui lhe enviamos com a saudade de todos pelo Medina Carreira, um nome que se não esquecerá nos Pupilos dos Exércitos.

— Partiu em expedição militar para Angola, o ex-aluno n.º 4, hoje Sr. Alferes Maia.

Aqui registamos a abalada certos de que será feliz e levantará bem alto o nome da Casa que todos nós procuramos erguer até ao Infinito!

O que vai pelo pilão!

(Secção destinada a adultos com mais de 10 anos):

— Consta que o Rato vai ao Brasil casar-se com .....

—O Cabeça de Avelã passa a vida a escrever à T...., e a combinar idas à pesca.

—Desde 11 de Novembro que o Barbosa recebe cartas da garota (a propósito, seria interessante saber como está de saúde a menina do Laboratório).

—O Garrafão já mandou fazer um fato de cerimónia, para quando se empregar nas oficinas da C. P., no Entroncamento.

—As surpresas da Baía nunca mais aparecem.

—O bigode do EL Moreno anda em pastagens no Alentejo, para criar mais pujança.

— O Vaqueiro cada vez está mais maluco... e apaixonado. A sua última aventura é uma espanhola.

PING-PONG

Continuação da Página Desportiva

Tem decorrido com bastante interesse, o campeonato interno de Ping-Pong, que teve este ano a inscrição de 21 concorrentes divididos nas seguintes categorias: Iniciados (até aos 16 anos inclusivé), Júniores (dos 17 aos 21 anos inclusivé). Os três primeiros de cada uma das diferentes categorias disputarão, em conjunto, a posse de 4 medalhas, respectivamente para o 1.º, 2.º, 3.º e 4.º classificados.

Até ao momento já houve algumas surpresas quanto aos resultados feitos pelos primeiros classificados, do ano anterior, frente aos jogadores que este ano concorrem pela primeira vez.

Vital dos Reis

ANTOLOGIA

Começamos neste número uma nova secção, destinada a aumentar a cultura literária dos alunos do Instituto, especialmente os mais novos, que agora começam a tomar mais contacto com a nossa tão linda língua. Nesta secção publicaremos mensalmente uma obra dos nossos melhores escritores e poetas.

Para começar, que melhor poeta poderíamos escolher, senão Camões, o nosso grande épico, que tão célebre se tornou no mundo inteiro com o poema «Lusíadas», em que canta

«o peito ilustre lusitano.
a quem Neptuno e Marte obedeceram.»

Inseriremos hoje nas nossas colunas um soneto de Camões, dos mais belos que o poeta escreveu:

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

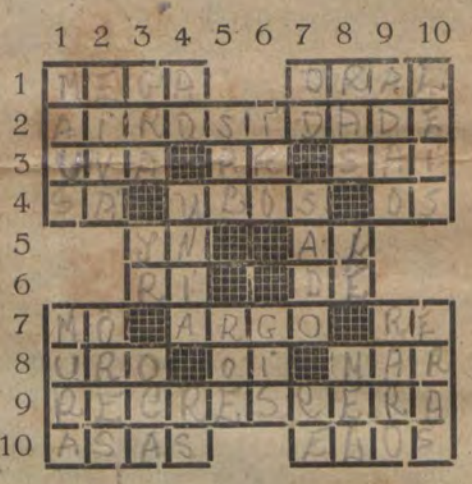
Se lá no assento etéreo onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças de aquele amor ardente
Que já nos meus olhos tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio de perder-te;

Roga a Deus que teus anos encurtou
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 3



HORIZONTAIS — 1) Mosquito pequeno; bocal. 2) Elegância. 3) Bago; fluído aeriforme; afasta-te. 4) Apelido; grito (pl.); art. def. (pl.). 5) Suf. de negação; simb. quim. do alumínio. 6) Escarnece; nome de letra. 7) Montão (prov.); nome de nau capitaneada pelos argonautas; nota mus. 8) Boi selvagem; duas letras de oito; imensidão. 9) Sobrara. 10) Puxador metálico (pl.); gavinhas.

VERTICAIS — 1) Nocivos; acto de murar. 2) Nódoa num fruto que começa a apodrecer; discurso. 3) Grande; distar; buraco. 4) Contr. prep. e art.; agregava; reis. 5) Graça; mina. 6) Eiro; objecto utiliz. para escrever no quadro. 7) Nota mus. (inv.); rio portug.; letra do alf. 8) Batráquio (pl.); devaneia; suavidade. 9) Homem bíblico; pouco vulgar. 10; Normas; datas.

Solução do problema n.º 2

HORIZONTAIS — 1, Ar, Marvila; 2, Te, atei, era; 3, Li, rascaras; 4, At, sã; 5, Só, cã; 6, Rol, ala; 7, Sá, Cb; 8, As, ri, oba; 9, Saladas, im; 10, Ala, Eva, usa; 11, Arpoar.

VERTICAIS — 1, Atlas, casa; 2, Re tor, sala; 3, Os, lar; 4, Marmelada; 5, Ata, deo; 6, Rés, crava; 7, Vic, bisar; 8, Alça; 9, Ler, Al; 10, Aras, bis; 11, Asar, Damão.

Vital dos Reis
(Aluno n.º 164)

CURIOSIDADES

Há meio século em algumas tribos da África Central, os indígenas empregavam como sua moeda corrente, umas barras de cobre em forma de cruz, que tinham 25 centímetros de comprimento. Estas barras-moedas, nas mãos dos negros, constituiam também uma arma terrível.

O desporto mais antigo parece ser o ski. Foi encontrado na Suécia um desenho gravado na rocha, remontando a 3.000 anos A. C.. Representa um homem skiando, no momento de partir em grande velocidade.

O carbono tem o ponto de fusão mais alto de todas as substâncias conhecidas. A uma temperatura de 3.482º C, o carbono torna-se gasoso sem passar pelo estado líquido. Pelo seu alto ponto de fusão utiliza-se, em forma de grafite, para fabricar cadinhos nos quais se fundem outros metais. O tungstênio tem um ponto de fusão de 3.370º C, que é o mais alto de todos os metais.

O total de quilómetros percorridos no ano de 1951 pelos camiões nos Estados Unidos foi de 128.000 milhões.

Desempenho de funções

Em 17 de Dezembro deixou o cargo de Comandante da 1.ª Companhia, o Sr. Cap. de Infantaria, na situação de reserva, Alberto Correia Duarte, tendo assumido esse lugar o Sr. Cap. de Infantaria João Luís Freire de Almeida.

— Também deixou de comandar a 2.ª Companhia o Sr. Cap., na situação de reserva, Francisco Carlos Martins, tendo sido substituído pelo Sr. Cap. de Infantaria, António Marques Lopes.

PÁGINA Literária

Os nossos Monumentos

O MOSTEIRO DE ALCOBAÇA

O Mosteiro de Alcobaça, fundado em 1152 por D. Afonso Henriques em acção de graças pela tomada de Santarém aos mouros, é uma das obras de arte mais belas do nosso país.

Foi construído devido ao poderio de que dispunha o Dom Abade de Alcobaça, que era uma das maiores personagens do Reino e tinha poderosa influência não só em assuntos religiosos, mas também em assuntos políticos e até militares.

Descendente de uma família nobre, governava treze vilas, dois castelos e dois portos de mar.

O actual Mosteiro, não é mais do que um pequenino traço do sumptuoso Mosteiro de outros tempos, e resultante de uma completa reconstrução datada do século XIII, seguida de diversas obras no tempo de D. Dinis e de D. Manuel I, e remodelações que nem sempre foram felizes, dos séculos XVII e XVIII, que alteraram por completo a sua belíssima fachada.

O acesso ao templo é feito por uma escadaria em semi-círculo, terminada por um patamar com alguns metros quadrados.

A entrada é feita por um severo pórtico, situado ao meio do patamar, de puro estilo gótico. Em face de tão grandiosa obra, sentimo-nos mesquinhos e como que extasiados a contemplar a sua grandeza e austeridade.

E' o mais vasto de Portugal, tendo perto de 105 metros de comprimento, 25 de largura e 20 de altura, sem ornamentos nem capelas laterais, sem galerias de circulação, em resumo, uma completa nudez de objectos que nos possam toldar a vista em toda a a amplidão abrangida de primeiro relance.

Passando à Sala dos Reis, que data do século XVIII, é-nos permitido observar belíssimos quadros, onde se encontram representados todos os reis até D. José, e a coroação de D. Afonso Henriques.

Na Sala dos Túmulos, podemos admirar os maràvilhosos e preciosíssimos túmulos de D. Inês de Castro e de D. Pedro I. São construídos em pedra-grão muito fina e própria para delicados lavores, que D. Pedro, com grande paixão, acompanhou e exigiu todo o primor dos artistas encarregados de tal obra, tanto para a estátua de D. Inês, como para as cenas que parecem ter vida, e que circundam todo o recinto. E' de justiça prestarmos homenagem aos artistas que se encarregaram desta obra, e pena é que durante as invasões francesas os soldados invasores violassem os túmulos, em busca de pedras preciosas e de outras riquezas que neles poderiam existir.

São também dignos de serem visitados: o Claustro do Silêncio, a Sala do Capítulo, a magnífica biblioteca e a grandiosa cozinha com uma enormíssima chaminé onde se podem assar de uma só vez 5 ou 6 bois, a qual é atravessada pelo rio Alcoa que tem comunicação com ela por meio de um pequeno tanque, onde os frades deixavam cestos de vime durante a noite, para no dia seguinte os recolherem cheios de peixe.

Finalmente, temos um pequeno jardim-cemitério, onde se encontram ainda alguns jazigos e campas.

Pena tenho de que os meus dotes de narrador não sejam suficientes para descrever em toda a sua beleza o magnífico Mosteiro de Alcobaça, onde repousam para sempre dois seres que muito se amaram.

Lisboa, Janeiro de 1952.

Rogério Santos
(Aluno n.º 123)

QUEIXUME

Frio na rua,
Gelo na alma,
Sombras na VIDA,
Trevas na MORTE.
Noite sem lua,
Vento sem calma,
Brisa perdida
Sopra sem norte
Chuva tristonha
Gotas sem rumo,
Alma que sonha
Nuvens de fumo.
Tudo é desfeito,
Tudo é vencido,
Dentro do peito
Nada é mantido.
Tudo se esvai,
Tudo se escoa...
Chuva não cai,
Vento não soa,
Não sopra a brisa,
Trevas são mortas,
Luz é precisa
Abram-se as portas.
Tudo se muda,
Findam paixões
Ninguém se iluda
Com ilusões
Tudo termina,
Tudo tem fim,
Mas minha sina
É sempre assim!
Tudo é diferente,
Muda-se tudo,
Já nada existe!
Só eu não mudo...
Sou sempre uma triste!

Maio de 1951

David Nogueira Sequerra

Epigrama de Poeta

Um poeta de grão siso
Vendo a morte de repente:
Não m'olhes assim de frente,
Dá-me ao menos um sorriso!

Uma carta... um segredo

Meu amor:

Quem és tu que me apareceste de repente na vida, colhendo-me desprevenido? Não sei bem quem és, nem mesmo tenho grande interesse em sabe-lo, para não sofrer uma desilusão. Deixa-me viver em sonho!

Quando te conheci, mal sabia a total volta que provocarias na minha vida. Pensei que seria um simples passatempo mas bem depressa compreendi que havia sido atingido bem fundo no coração.

Não fales! Não quebres este encantamento em que me encontro! Deixa-me pensar que és uma visão celestial, um ser destinado por Deus a converter-me, a tornar-me mais perfeito. E nesta ilusão vou vivendo.

Lembras-te do nosso primeiro encontro? Eu lembro-me como se fosse hoje. Como estavas linda e perigosamente sedutora! Pensei em mais uma simples conquista, mais um encantador "flirt,,. Trocámos umas breves palavras, frases simples de quem se conhecia há pouco tempo. No entanto, à medida que os minutos corriam, a nossa conversa tornava-se mais profunda, abordando assuntos mais sérios. E que encantadora ela foi!...

Deixei de te ver e um dia, inesperadamente, apareceste-me novamente no caminho. Senti que a ferida se abria mais. Procurei fugir-te, mas exercias sobre mim tal atracção, que não resisti. E agora, vivo triste e desanimado, pois faltas-me tu, falta-me a luz que de ti irradia, sinto a ausência da tua voz. Mas eu não quero ser escravo da tua beleza. Não quero, mas não posso fugir a ela.

Perdoa, querida, este meu desabafo. O meu amor por ti devia ser um segredo guardado ciosamente por mim, sem o dar a conhecer.

Certamente não lerás esta carta. É melhor para nós, talvez, pois assim evita-se que saibas quão intensos são os meus sentimentos por ti.

Na ilusão vivo, desde que te conheci, e na ilusão continuarei vivendo!...

Um dia, talvez, sem fazermos grande força para isso, é natural que nos tornemos a encontrar, e então, beberei sofregamente as tuas palavras, extasiarei os meus olhos com a imagem angelical do teu rosto. Não sou muito exigente, pois não? Só quero ver-te para te falar e não para te possuir, para macular a tua pureza, como ostensivamente teimas em declarar. Sei bem que nunca poderás ser minha, como eu desejaria, não por estares comprometida, mas sim por aleivosia minha, e portanto, não ouso ter outros pensamentos que não sejam deliciar me com a tua companhia amiga.

Não!, escusas de ter receio. Amo-te muito, é verdade, mas não tentarei convencer-te a seres minha para todo o sempre, pois sei que não aceitarias, e eu sou muito orgulhoso para me sujeitar a ser repelido e derrotado por uma mulher.

Sigamos os nossos rumos que são diferentes, vivamos eternamente na ilusão de que poderíamos ser felizes.

Beija-te amorosamente, o

Luís

L. C. L.

Passatempo

Número 3

Substituir os pontos por letras de maneira a formar nomes de metais:

N.QUEL
OURO
PRATA
PLATINA
.O.IBDENO
MAGNESIO - MERCÚR
TUNGSTENIO
ALUMINIO
CHUMBO
COBRE
RADIO
M.UGANES.O
E.URIO
ESTANHO
.A...
....LIO
?

José Matias Rita
al. 92

Solução do Passatempo anterior

Pedrógão
Carcavelos
Fão
Estoril
Nazaré
Formosa
Figueira da Foz
Sesimbra
Espinho
Rocha
Quarteira
Matozinhos
Buarcos
Granja
Maçãs
Leça

Vital dos Reis

SORRINDO...

Entre pilões

— Que fazes tu que estás assim tão gordo?...
— E' porque nunca discuto.
— Tenho dúvidas que seja por isso...
— Tens toda a razão.

No talho

Uma senhora entra no talho e pede 500 gramas de carne de vaca.
— Não tenho senão vitela, responde o empregado.
Resposta da senhora:
— Não faz mal... Eu espero.

Querelas

Jogavam a pancada dois sujeitos e, como a luta ia rija, saiu a apaziguá-los um cavalheiro.
— Ponde termo à contenda, que isso não é de homens.
— E' que me chamou ladrão..
— E ele a mim vagabundo...
— E é só por isso? Pois não vale a pena zangarem-se por tão pouco. Bem pode ser que ambos tenham razão.

VIDA DESPORTIVA DO I. P. P. E.

Campeonato Provincial da M. P.

1.ª Jornada

Pupilos, 7
Ferreira Borges, 0

No passado dia 13, iniciou-se o habitual torneio e para disputar o primeiro jogo, formaram as seguintes equipas:

PUPILOS—Monteiro; Brites e Aleixo; Pontes, Rodrigues e Gomes; Braga, Sousa (aos 43 minutos Alves), Verde, Caxide e Nunes.

F. BORGES—Branco; Reis e Augusto; Gameiro, Helder e Romano; Alexandre, Patrão, Apolinário, Abílio e Moura.

Início: 10 horas e 30 minutos.

GOLOS: 1.ª parte (3-0)

1-0, Aos 3 minutos por VERDE, aproveitando em corrida um lançamento em profundidade, de Braga, que recebera a bola excelentemente de Pontes.

2-0, aos 13 minutos, por SOUSA, no seguimento dum magistral passe de Pontes. O nosso interior, descaiu um pouco para a direita e rematou enviezado, a contar.

3-0, aos 13 minutos e meio, por SOUSA, em jogada individual, correndo alguns metros e atirando fraco pontapé, que no entanto chegou para ir às malhas, após a bola ter sido tocada pelo guardião escolar, nítido culpado do tento.

2.ª parte (4-0)

4-0, aos 35 minutos por BRAGA, depois de Verde ter fugido pelo centro do terreno e sofrer rasteira. O árbitro, muitíssimo bem, fez o compasso de espera da lei, para marcar a falta, na expectativa de quem ficaria possuidor do esférico; foi então que Braga, como uma flecha, chegou primeiro e rematou a contar, com um poderoso remate.

5-0, aos 45 minutos, por VERDE, após uma abertura plena de classe e visão, feita por Pontes. O nosso eixo suportou muito bem várias cargas e marcou fàcilmente.

6-0, aos 57 minutos, por BRAGA, em acção absolutamente pessoal, desde meio campo.

7-0, aos 59 minutos e meio, por VERDE, aproveitando com muita calma uma falha da defesa adversa.

Considerando ser o primeiro jogo oficial da época, este encontro agradou-nos, francamente. A nossa equipa mostrou-se compenetrada, ciente de que executava e, mais ainda, do que queria executar, pois muitas vezes a jogada não lhes saía como a haviam pensado. Mas, adivinhava-se a intuição e isso já vale muito. O padrão de jogo foi vivo e bonito, se bem que um pouco rendilhado em demasia, por fintas perfeitas, sem dúvida, mas retardadoras da factura do logo. Neste capítulo Sousa e Caxide exageraram bastante.

. Quem deu uma demonstração de jogo prático, eficiente, verdadeiro futebol, foi Pontes, o herói da partida, que esteve na origem de todos os grandes momentos ofensivos da equipa. O nosso «Chana» franzino e pequeno, foi um grande, nos seus passes cheios de oportunidade e visão, na sua aplicação constante, na preocupação absoluta de jogar a bola rente ao solo. Há muito que não viamos um médio pilónico jogar com tanta perfeição. Daqui o felicitamos e o incitamos a mais e melhor ainda. A nossa falange de apoio bem interpretou a sua exibição e vitoriou-o largamente.

Rodrigues foi uma bela chave defensiva, onde todos se comportaram bem. Um reparo a Aleixo muito precipitado nos seus alívios, estando à vontade. Um defesa moderno, deve construir e não destruir em força, como Aleixo fez, sem necessidade alguma. Monteiro executou três ou quatro defesas, sendo só uma perigosa, aos pés do interior direito, que aos 53 minutos fugira ràpidamente pelo centro do terreno. No entanto mostrou-se seguro, inspirando confiança. No ataque apenas Caxide e Nunes fraquejaram muito. Foram as duas peças mais modestas da equipa, mas acreditamos que fosse um dia infeliz, por quebra aparente de Caxide Alves foi vulgar mas útil. A asa direita atingiu alto grau de brilhantismo, em especial na primeira parte. De notar o engodo pela baliza demonstrado por Braga. Verde foi um eixo com actuação bastante boa, que nos agradou muito mais do que no ano transacto.

Dos vencidos só Branco, Romano, Patrão e Moura, mostraram algum valor. O resto, fraco em demasia.

Arbitragem bastante boa, que se conjugou bem com a correcção dos jogadores, para que a partida fosse imensamente agradável.

David Sequerra
aluno n.º 333

2.ª Jornada

Pupilos, 14
Esc. Voz do Operário, 0

Jogo efectuado no dia 20 de Janeiro no campo de treinos do Estádio Nacional. As equipas formaram:

PUPILOS—Monteiro; Brites e Aleixo; Pontes, Rodrigues (cap.), e Gomes; Braga, Sousa, Verde, Caxide e Nunes.

VOZ DO OPERÁRIO—Antunes; Paiva e Vilalongo; João, Dias e Frade; Pinto Martins, Vítor, Correia, Gaspar e Tibúrcio.

Início: 11 horas e 34 minutos.

GOLOS: Primeira parte (6 0)

1 0, por VERDE, aos seis minutos, logo após uma perdida flagrante do mesmo jogador. Desta vez suportou bem a carga e atirou forte. O guardião ainda conseguiu repelir para perto, mas a recarga foi às malhas.

2-0, por VERDE, aos 13 minutos, pondo termo a uma jogada confusa com um excelente pontapé sem preparação.

3-0, por CAXIDE, aos 18 minutos, aproveitando à boca das redes um centro de Braga, tirado sobre a linha de cabeceira.

4-0, por BRAGA, ao infiltrar-se inteligentemente após jogada de Brites e Sousa. O nosso extremo, que já desperdiçara dois tentos em idênticas condições, resolveu desta vez abrir o ângulo de tiro, com oportuna mudança de pé e marcou sem dificuldade, aos 26 minutos.

5-0, por CAXIDE, aos 27 minutos, numa genial jogada do nosso interior. Recebendo a bola da defesa, correu em zig-zag, em fintas perfeitíssimas em corrida, culminadas com fulminante tiro. Um golo de grande efeito que não se esquecerá tão cedo!

Aos 28 minutos Caxide fez novo golo, rematando de cabeça, junto a um poste, que foi invalidado por suposta mão do marcador, que não descortinámos. Nós e mais pessoas, note-se...

6 0, aos 29 minutos, por VERDE. Um tento estupendo, de bela marca. Do limite da grande área o nosso eixo, recolheu a bola com o pé direito, mudou de pé e disparou ao ângulo direito, sem defesa possível.

2.ª parte (8-0)

7-0, aos 31 minutos, por NUNES, num remate de ângulo fechado, que não oferecia perigo algum. Porém, o guarda-redes, depois de captar o esférico, deixou-o escapar para as redes.

8-0, por CAXIDE, aos 34 minutos, após jogada de bom estilo, com remate enviesado para o canto contrário.

9-0, por VERDE, aos 37 minutos, depois de bom trabalho da asa esquerda, concluído a 2 metros da baliza.

10-0, por NUNES, aos 46 minutos, dominando com serenidade uma confusão diante das redes.

11-0, por SOUSA, aos 49 minutos, com um tiro colocado, a uns bons 20 metros, coroando boa entrega de Caxide. A bola entrou ao ângulo superior, sem defesa.

12-0, por CAXIDE, aos 51 minutos, a concluir uma jogada individual desde o centro do terreno.

13-0, por VERDE, aos 52 minutos, trabalhando com à vontade um bom passe de Caxide.

14-0, por RODRIGUES, após um livre indirecto por falta do keeper escolar, 20 segundos antes do termo da partida.

O começo incerto e vacilante da nossa turma, não deixaria prever a superioridade absoluta e indiscutível que demonstrámos pelo tempo adiante. Logo nos primeiros instantes, a nossa defesa teve de actuar e por sinal registou-se um erro bastante grande de Rodrigues, entregando o esférico a um adversário livre e próximo da área fatal. A equipa escolar teve 10 minutos interessantes que foram, afinal, os únicos que pôde produzir. Os golos foram aparecendo, muitos deles consequências de lances muito bem gisados, a par de outras jogadas magníficas perdidas por razões várias. O jogo foi caracteristicamente nosso e, como tal, pouca história tem, depois da descrição dos golos. A nossa equipa voltou a impressionar nos bem, ficando-nos a ideia agradável de que jogam futebel, verdadeiramente. E como modelo deste ponto de vista cito para exemplo a plena exibição realizada pelo nosso interior Caxide. Que bem jogou! E que bem obrigou os outros atacantes a jogar! Tal como Pontes na 1.ª jornada, não hesitamos em eleger Caxide, «o homem do dia». Rectificou bem a sua fraca actuação anterior. Disso beneficiou Nunes para fazer uma exibição igual ao seu valor. Mas a não ser Caxide não distinguiremos mais ninguém, abrangendo todos no mesmo elogio de que constituem uma equipa, uma boa equipa. Breves apontamentos apenas à aplicação constante de Gomes, à melhoria cada vez mais acentuada de Verde e à precipitação e fogosidade prejudicial e demasiada de Aleixo. Mais uma vez fazemos reparo em que entregue a bola jogável, em lugar de a aliviar forte e desnecessàriamente para fora.

Monteiro tocou duas vezes na bola, sendo uma a pontapé. É notável e diz tudo! Um aceno de muita simpatia pela maneira bonita e simpática como a rapaziada da Voz do Operário soube perder. Dirigimo-lhes os parabéns nas cabines e eles, de facto, mereceram-nos!

Pena é que sòmente Dias, Vilalonga e Frade mostrassem algum valor. Arbitragem agradável, com o senão do golo invalidado, que nenhuma importância teve.

Com este resultado, igualou-se o recorde de volume numérico, que apenas chegou a 20 segundos do fim. Sofreu-se até lá como se fosse esse o golo da vitória! E precisamente marcado pelo capitão dos pilões. Acabou muito bem um jogo começado de modo duvidoso.

Enfim, acho que todos ficámos satisfeitos, aguardando os resultados futuros pelo menos com a certeza de que temos equipa!

21-1-52

David Sequerra
aluno n.º 333

Noticiário Desportivo

❧ Realizou-se no dia 9 pelas 21,45, no Ginásio do Liceu Camões, uma sessão cinematográfica, sobre atletismo e futebol, organizada pela Mocidade Portuguesa, à qual assistiram os componentes de todas as equipas de futebol concorrentes aos campeonatos Provinciais. Procedeu-se em seguida à distribuição de medalhas e troféus aos vencedores das diversas provas desportivas disputadas no ano lectivo de 1950-1951, havendo no fim uma palestra, por um dirigente da M. P., sobre ética desportiva.

❧ O novo treinador das equipas de futebol do Instituto é o antigo internacional do Sporting, Manuel Soeiro, encontrando-se a exercer o cargo desde o dia 12 de Dezembro.

❧ Os prémios ganhos pelos nossos atletas no ano anterior foram os seguintes: Futebol — medalhas e uma placa; Atletismo—medalhas e três placas.

Pupilos, 1 — Académica do Montijo, 0

No dia 16 de Dezembro, deslocou-se à simpática vila do Montijo, um misto das equipas de iniciados e júniores, para realizar um desafio de futebol contra o grupo de estudantes locais, em ambiente puramente particular e de sã camaradagem. Antes dos comentários técnicos ao jogo, que serviu de útil pedra de toque para o novo ano desportivo, queremos assinalar a maneira cavalheiresca como fomos recebidos, aliás bem recompensada pelo excelente aprumo e correcção da nossa rapaziada.

Eis a constituição dos grupos:

I. P. E.—Monteiro; Rodrigues e Belo; Ratinho, M. Silva e Junça (cap.); Braga, Sousa, Loureiro, Iglésias e Nunes.

A. DO MONTIJO—Américo; Ribé I e Grade; Octávio, J. Lino (cap.) e Afonso; Mendonça, Ribé II, Pinto, Albuquerque e J. Traquino.

O resultado foi feito a meio do segundo tempo, por Braga.

No seguimento dum livre de canto, desastradamente cedido por M. Silva, este mesmo elemento aliviou o seu campo com um pontapé longo, sendo a bola tenazmente perseguida por Loureiro e J. Lino. Loureiro chegou primeiro, tocou-a para a direita onde Sousa e Braga trocaram passes até que o nosso extremo direito se internou e fez o golo dum ângulo cerrado, com o pé de dentro.

Breves comentários

Mesmo tendo em conta ser o primeiro jogo feito extra-muros do nosso Instituto, a nossa exibição foi demasiado pobre para que não seja criticada. Há anos que vai sendo hábito possuirmos uma defesa sólida e um ataque habilidoso, mas muito pouco realizador e, por vezes, ingénuo em demasia.

Neste primeiro jogo, ficou-nos a imagem nítida da repetição dessa cena. Os nossos avançados falharam estrondosamente no remate, perderam-se em demasiados passes e deixaram-se surpreender, muito mais do que o admissível, na posição de fora de jogo. Braga foi o mais perfurado e quiçás o melhor, mas teve três tentos feitos que perdeu incompreensìvelmente. Sousa, com fintas a mais e Loureiro, bem coberto e com muito pouca experiência do lugar, equivaleram-se. Nunes, foi vivo e chegou a brilhar na primeira parte; depois deixou-se contagiar pelo mau jogo dos companheiros e também, bastas vezes, apareceu deslocado.

Iglésias, teve a missão ingrata de ligar o ataque à defesa e se não atingiu brilhantismo, tem a seu favor a má posição dos outros atacantes no instante preciso do passe. Sucedeu uma vez que Iglésias, tendo a bola em seu poder e querendo-a passar, descortinou todos os outros avançados fora de jogo!

Na defesa, que formou um sólido bloco, só Ratinho destoou, com uma actuação bastante fraca. Monteiro fez três defesas ao todo e isto é, por si só, bastante elucidativo. M. Silva, Belo, Junça e Rodrigues, por esta ordem, brilharam muito e foram os nossos quatro melhores elementos.

Dos adversários, J. Lino, Afonso, Ribé II, Albuquerque e J. Traquino, salientaram-se.

Arbitragem imparcial, com um senão de um off-side marcado injustamente a Loureiro quando estava em posição excelente para marcar, que só com grande infelicidade falharia.

Enfim, agradável jogo, correcto e com resultado absolutamente justo.

David Sequerra
al. 333

❧ Foi excelente a exibição feita pela equipe de Iniciados do Instituto, contra a Escola Industrial Ferreira Borges e Centro Extra-Escolar da Voz do Operário.

ANO II — FEVEREIRO DE 1952 — N.º 15

O Jornal dos Pupilos do Exército

Deus, Pátria e Família

QUERER É PODER

REDACTORES PRINCIPAIS: *David Sequerra e Vital dos Reis* — DIRECTOR: **FERNANDO LOUREIRO** — EDITORES: *Cursos Finalistas*

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Propriedade do I. P. P. E. / Comp. e imp. na Gráfica Almondina / Torres Novas

O NOSSO JORNAL

COM o presente número, o nosso jornal atingiu a conta de quinze. Este número nada poderá dizer para quem lê as nossas colunas, mas na verdade ele é muito significativo, pois representa o esforço de todos os que, directa ou indirectamente, nelas colaboram.

Senão, vejamos. Todos os nossos colaboradores são alunos, e por isso têm os dias completamente recheados de aulas, oito longas horas diárias. Sòmente nos pequenos intervalos, e após o jantar quando os corpos reclamam repouso, é que lhes surge a oportunidade de escrever alguns artigos simples, em que possam pôr à prova as suas qualidades literárias. Podereis ver por isto que fica dito, que não é tão simples como possa parecer à primeira vista, fazer publicar um número do nosso jornal.

Felizmente que todos os alunos, compreensivamente, se esforçam por escrever, e conseguem-no. Só desta maneira se nos torna possível publicar o orgão oficial do Instituto, levar até àqueles que se interessam por nós, a voz dos Pupilos, o conhecimento das nossas actividades e habilitações literárias, por intermédio das diferentes secções do nosso mensário.

Os primeiros meses foram difíceis, pois tornou-se necessário vencer a inércia dos alunos, mas agora podemos estar tranquilos, pois contamos com uma pleiade de rapazes dedicados. Quando a actual direcção do jornal tiver que se ir embora por terminar o seu curso, poderá fazê-lo de cabeça erguida, pois o jornal continuará a existir, cada vez melhor e mais completo, pois os nossos sucessores são todos rapazes dedicados a esta obra.

Resta-nos agradecer o bom acolhimento que o nosso mensário mereceu da parte das famílias dos nossos condiscípulos. Isso, e só isso, era suficiente para nos dar força para continuarmos. Obrigado, pois, a todos.

Lisboa, Fevereiro de 1952.

FERNANDO LOUREIRO
aluno 390

BAILE DE CARNAVAL

Organizado pelos finalistas, realizou-se no dia 17, no salão de festas deste I. P. E., o tradicional baile de Carnaval que decorreu muito animado e contou com a colaboração da Orquestra Miguel de Oliveira.

Escrever...

Desde que sou aluno deste Instituto que tenho notado, entre os pilões, um estranho retraimento para escrever algo de interesse geral, como por exemplo, artigos festivos, colaboração para o jornal interno e (porque não?) para jornais de circulação mundana! Porque será esta tendência? Falta de qualidades? Não, não é isso que falta aos meus colegas. Há sim uma timidez inadmissível, uma falta de confiança em si próprio e, talvez mesmo, um comodismo pernicioso. Há muitos camaradas que têm dificuldade de redigir porque... simplesmente nunca quiseram dedicar a essa tarefa uns escassos minutos de atenção.

Este nosso Instituto é, essencialmente, formador de técnicos, homens de amanhã que, no campo da prática, se irão lançar com a suficiente bagagem para o triunfo.

É certo que um técnico não necessita de ser um literato, mas também é impossível que se desinteresse, totalmente, pelos mais insignificantes assuntos relacionados com a maravilhosa arte de exprimir o que lhe vai no pensamento.

Está provado que um técnico de verdadeira categoria, tem de possuir uma agradável maneira de redigir, pois muitas das suas atribuições, exigem tal facto.

Todos nós que ora estudamos, seremos, com certeza, no futuro, obrigados a fazer relatórios relacionados com missões especiais, inspecções, melhoramentos, avarias, reparações, etc. etc., toda a gama de acontecimentos que aparecem no nossos misteres. Pois bem, esses relatórios serão tanto mais valiosos e apreciados, quanto mais reunirem, numa perfeita amálgama, o bom conteúdo técnico e a simplicidade, ordem e maneira explícitas com que foi redigido.

E já hoje podemos verificar que assim é, pois temos que apresentar relatórios de visitas de estudo e tirocínios, já somos obrigados a fazer exame de frequência de certa

Continua na 4.ª página

SONHANDO

É comum ouvirmos dizer que os Idealistas são simples Sonhadores sem nada de práticos. Entretanto, todos os precursores da Humanidade foram idealistas. Os grandes industriais e comerciantes notáveis, distinguiram-se pela sua poderosa e profética imaginação.

Sonhadores e Idealistas embora pareça um paradoxo, são os homens mais práticos do mundo, pois se antecipam à prática das coisas que idealizam, vislumbram o que há-de ser a civilização no futuro.

Idealistas são aqueles que eliminam racionalmente do seu vocabulário a palavra «impossível». O cárcere, o desterro, os tormentos e até a própria morte, não tiveram o poder de torcer a vontade que, fortalecida pela sabedoria, os instigava a serem constantes no seu ideal naquelas aparentes quimeras destinadas a arrancar o mundo do seu selvagismo.

Os grandes idealistas quase sempre foram génios, foram sempre sonhadores.

O escultor vê, antes de golpear o mármore com cinzel, a estátua o trabalho que vai exectuar; o arquitecto traça o edifício ou monumento mentalmente, antes de colocar a primeira pedra; o escritor vê a sua obra pronta ainda mesmo antes de a ter começado...

A divina herança do homem é a sua tendência para sonhar com o ideal. Pouco importa o que possa sofrer, se ele tem fé num futuro melhor. Ele sabe que esse futuro que predomina sobre as finalidades da vida, pertencerá aos que que souberam prepará-lo.

Sejamos idealistas e sonhadores, nunca nos esquecendo, entretanto, de que só é admirável sonhar com o ideal quando o idealista tem suficiente energia e tenacidade para harmonizar seus sonhos com a realidade. É necessário conciliar o ideal com a realidade, e propósito com a acção.

Sonhar, porém, sonhar acordado, dar alento aos seus sonhos, mas ter fé neles, acariciar esses sonhos, mas esforçar-se por efectivá-los.

O idealismo, esse dom divino que nos impele a olhar para o alto e para a frente, estimula as nossas aspirações e favorece os nossos desejos de progresso e perfeição. Uma obra grandiosa é moldada e realizada pelo modelo que se revelou no momento da nossa suprema inspiração. Lembrar-se-ão de que todos os idealistas que o mundo conheceu, sofreram rudamente.

Foi necessário a esses homens uma enorme dose de força de vontade e fé em si mesmos para que pudessem prosseguir sobrepondo-se à ignorância popular, à cegueira, à inércia, ao ódio, à inveja, e à incompreensão.

Sempre foi assim; quanto maior fôr o trabalho de um homem, quanto mais alta a sua criação, tanto mais ele se verá cercado pela adversidade. Sua única trincheira é a fé em si mesmo, e ele é feliz, mesmo na adversidade.

Assim o idealista caminhará rumo ao seu grande objectivo.

Lisboa, Fevereiro de 1952

Dedicado M. L. J. V.

José de O. Matos Silva
Aluno do 4.º ano da M. E.

CURIOSIDADES

Os camaleões nascem de ovos, muitas vezes enterrados na areia e incubados pelo calor do sol, outras vezes incubados dentro da própria mãe.

Em 1950 publicaram-se na Suécia 4.008 livros, o que representa um aumento de 173 em relação a 1949. As obras literárias figuram à cabeça, com um total de 746, tendo-se verificado uma apreciável descida no número de traduções.

Alguns cientístas afirmam que o calor do sol aumentou de 0,4% nos últimos vinte anos, e que embora essa percentagem seja diminuta é a bastante para afectar o clima da terra.

Em que direcção se move um raio? Já viu alguma vez, durante uma tempestade, descer um raio do espaço para golpear a terra com um relâmpago e estrondo terrível? Segundo os peritos do laboratório de alta voltagem da General Electric, isto não é mais que uma ilusão de óptica, visto que o raio viaja da terra ao espaço e não em sentido contrário, como é crença geral. À medida que se forma uma descarga eléctrica nas nuvens, uma descarga oposta se forma também na terra. A descarga move-se lentamente das nuvens à terra, resultando invisível para a vista humana. Ao tocar na terra, um relâmpago visível, que conhecemos como raio, sai do solo, movendo-se em direcção ascendente, a uma velocidade aproximadamente de 29.000 Kms. p s..

A atmosfera tem 4.650.000.000.000.000 toneladas de nitrogénio, que chegam e sobejam para as necessidades dos homens pelo menos durante mais 93.000.000 de anos.

O animal recém-nascido de maior porte é o elefante; chega a pesar 70 a 90 quilos, ao nascer. As espécies indianas e africanas diferem consideràvelmente.

PEQUENAS NOTÍCIAS

Em virtude de se ter apresentado neste Estabelecimento de Ensino o Regente do Orfeão do I. P. E., Sr. Rev.º Padre José Ribeiro de Ávila, tiveram início as aulas do referido Orfeão.

No dia 2 teve lugar uma visita de estuda aos Laboratórios de Engenharia Civil no Instituto Superior Técnico, na qual tomaram parte, acompanhados do Sr. Maj. de Eng. Cortês dos Santos, os alunos do 2.º, 3.º e 4.º anos do Curso de Construções Obras Públicas e Minas.

A's instalações da Central Automática dos Telefones do Campo Pequeno, realizaram uma visita de estudo acompanhados do Sr. Cap. de Eng. Molarinho do Carmo, os alunos do 4.º ano do Curso de Máquinas e Electrotécnia.

Realizaram uma visita de estudo à Fábrica Militar de Braço de Prata, os alunos do 2.º ano de M. E. e 4.º ano do O. M. P. acompa-

Secção Carnavalesca

O CONTO DE CARNAVAL

Cipriano piroliteiro

O Cipriano era um piroliteiro!

Afirmação estóica, estroina, esquemática e esquisita. Mas no fundo, uma verdade irrefutável, olé se era!

Nas bandas do sol torrante da Costa da Caparica, nunca faltava aquele incaracterístico fato de banho sem cor distinta, mas que trazia dentro em si a distintíssima e recatada pessoa de Cipriano Bensaúde, um venerando chefe de família e febril apaixonado dos desportos náuticos.

Na praia todos o conheciam e para os curiosos foliões ele era um divertimento e prazer tão bons como os fantoches para as crianças, a mulherzinha dos bolos para os comilões, o homem dos barquilhos para os amantes da roleta ou as dunas para os parzinhos de namorados!

Havia anos que Cipriano se esforçava dum modo titânico e elogiável para aprender a nadar mais ou menos bem. Mas... (que mesquinha e cínica há-de ser sempre esta palavra) aquele mecanismo de movimentos, aquele ritmo de respiratório, aquela punjança e presença de espírito requeridos à natação, não existiam no Cipriano. Dir-se-ia que tudo isso lhe escapava surrateiramente por entre as bambas alças do seu equipamento incolor.

E era por isto tudo que Cipriano se descontrolava, desorientava, desmoralizava e... bebia belas porções de água salgada, a que, em vocábulo livre chamamos pirolito. Eis aqui a explicação por que o Cipriano Bensaúde era um piroliteiro. Sempre que o seu corpo magrizela tomava contacto directo com o vastíssimo oceano, este fazia a gracinha de ofertar um pouco da sua substância líquida, para a obscura caverna da boca do Cipriano.

E era ve-lo, aflito, nervoso e irritado, retroceder fazendo caretas e responder invariàvelmente a quem lhe perguntasse o que foi:

— Foi ele, o maldito! Um pirolito, mais um desleal pirolito!...

Cipriano fôra sempre um desportista que, apesar da fanzinês quase ridícula do seu corpo, era saudável.

Nesse ano, a época de banhos já começara e já todos os costumados frequentadores estranhavam a ausência de Cipriano. Podia lá ser, o Bensaúde, desinteressar-se do nobre desporto, podia lá ser!

E, assim, naturalmente, o nosso homem chegou um dia.

Mas... oh espanto dos espantos, assombro dos assombros, como ele vinha mudado! Um peito de Atlas moderno, cheio de superfícies salientes, bem vincadas, poderosos músculos numa distribuição complexa e, muito principalmente, uns colossos abdominais, extasiantes, ímpares! Os bicípedes eram longos e grossíssimos, os gémeos pareciam duas enormes esferas de aço, enfim, ali estava uma autêntica estátua de carne!

Mas Cipriano não parecia feliz nem saudável. Acabrunhado, amarelo, cheio de rugas, o seu aspecto facial era um paradoxo perfeito ao seu corpo de hércules. Um olhar de vencido, melancólico, distante, insatisfeito, fazia logo adivinhar à primeira vista, que algo de misterioso havia naquela esquisita metamorfose.

Passados os primeiros instantes de pasmo, o numeroso grupo de amigos de épocas balneares, acolheram o Cipriano com exuberantes saudações, sinceras e gritantes, vitoriando aquele seu extraordinário físico. E foi o Epifânio Caparica que falou:

— Cipriano, que saudades tuas! E que assombro tu nos causas; conta por favor, suplico-te, como arranjaste essa musculatura?

A face do Cipriano toldou-se duma sombra comovente, duma expressão funerária, horripilante. E, numa amalgama de raiva e infinda mágua, respondeu:

— Meus queridos amigos, estou a despedir-me da vida. O que vedes não são músculos, nada disso...!

— ????

— São os contornos dum cardume de pequenos safios que enguli o ano passado num pirolito... num maldito pirolito!

Cipriano Bensaúde sempre foi piroliteiro!

DAVID NOGUEIRA SEQUERRA
aluno 333

nhados do Sr. Cap. de Art. Figueiredo Bastos.

Teve lugar no dia 14 pelas 14 horas, uma fundição de ferro na respectiva oficina deste Instituto, a exemplo dos anos anteriores.

Nos dias 14 e 15 realizaram visitas de estudo, respectivamente ao paquete «Carvalho Araújo» os alunos do 3.º ano de M. E. acompanhados do Ex.mo Maj. de Eng. Vidigal e à Serofame & Comp.ª, os alunos dos 3.º e 4.º anos do C. O. E. P.

Medidas erradas

Os teus vestidos não acho
Mui decentes, minha prima
São altos demais em baixo,
São baixos demais em cima.

*

Não sou d'intrigas um cacho
Nem ataco os pensamentos,
Mas de censuras isentos,
Os teus vestidos não acho!

Quando te moves, ladina,
Tu davas tudo por tudo
Que eu afirmasse sisudo:
Mui decentes, minha prima!

Nem que andasses com um facho
À procura doutro dito,
Ouvirás sempre o meu grito:
São altos demais em baixo.

E apesar da minha estima
Ao pôr-me em bicos de pés,
Fica rubra a minha tez,
São baixos demais em cima!

DAVID SEQUERRA
(Aluno 333)

O que vai pelo pilão!

Em virtude de algumas reclamações, esta secção passa a ser dedicada aos adultos com mais de 12 anos

Casquero, prosseguindo nos seus engates, recebeu mais uma declaração que deu brado...

— Brado deram os óculos que «Baleia» apresentou na última reunião dos animais marinhos...

— Animais marinhos só apanha quem comprar a 14.ª edição do livro «Pesca das Tainhas», do grande pescador Chicharro, totalmente remodelada...

— Remodelada foi a mina de electricidade do conhecidíssimo Del Silva...

— Silva é o autor do artigo «Novo» no último número deste mensário célebre...

— Célebre foi a conquista que «Confusões», o galã de Além-Tejo, fez na Costa do Sol...

— Com Sol ou sem Sol despedimo-nos até ao próximo número.

O Autor

ANTOLOGIA

Foram as águas do Sado, em Setúbal, que viram nascer Manuel Maria Barbosa du Bocage, no ano de 1765.

Filho de um juíz e de uma filha de um Almirante francês, assentou praça aos 15 anos, embarcando em 1786 para servir em Damão, como Guarda-Marinha. Daqui desertou para Macau e depois para Lisboa, onde chegou em 1790.

Durante 7 anos na capital, a vida libertina que levou, foi tristemente coroada, pela publicação do poemeto «Pavorosa Ilusão da Eternidade», que o levou a diversos cárceres, entre eles o Limoeiro. No cárcere traduziu a imortal obra de Ovídio, «Metamorfoses».

O seu lirismo foi verdadeiro e sincero, e muito concorreu para ele o seu puro e leal amor por Maria Vicência. Mas o seu cárcere no Limoeiro desfez este casamento, pela acusação de ateu e revolucionário.

O Bocage que sobreviveu na tradição do povo mostra-se como boémio incorrígivel, aventureiro e vagabundo.

O alto sentimento que traduzem os seus versos, coloca-o na galeria dos nossos poetas como estrela primária.

Os sonetos do Bocage ombreiam-se sem sombra de dúvida com os melhores de Camões.

Bocage, na Arcádia, era conhecido pelo nome pastoril de Elmano Sadino e a escola que criou, ficou conhecida pela «Escola Elmanista».

Finou-se a 21 de Dezembro de 1805, aos 40 anos de idade.

Meditai neste soneto:

Soneto ditado na agonia

Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar defeito em vento...
Eu aos céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento:
Musa!... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura.

Eu me arrependo; a lingua quase fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... a santidade
Manchei!... Oh! Se me creste gente impia,
Rasga os meus versos, crê na eternidade!

Armando Albino de Oliveira Soares
Aluno n.º 203 do 4.º ano de M. E.

SORRINDO...

— Acabo de fundar o Clube dos Malandros e vais entrar como sócio agora mesmo.

— E que é que tenho que fazer para ser sócio?

— Nada. Pagas 10$00 por mês e se algum dia alguém te arranjar trabalho os nossos advogados te defenderão.

—//—

Salafrário tinha tanto pavor ao trabalho, mas tanto, que saiu correndo do restaurante quando o criado olhou e gritou «Serviço para um».

—//—

— Não se exalte, senhor Rogério, «Piloto» está rosnando porque o senhor está comendo no prato dele.

—//—

Cipriano tinha tão bom ouvido, que nas noites de lua conseguia ouvir sua vizinha debaixo mudar de ideias.

Noticiário desportivo

Continuação da 4.ª página

da taça «Iniciação Atlética», realizar-se-ão este ano em 16, 23 e 30 de Março nas pistas do campo de treinos do Estádio Nacional.

Segundo circular da M. P. têm início os campeonatos regionais das diferentes modalidades nas seguintes datas:

Natação — 1 a 15 de Junho
Tiro — 27 de Abril

Campeonatos provinciais:

Natação — 15 de Junho
Tiro — 18 de Maio.

Passatempo

N.º 4

Substituir os pontos por letras até formar nomes de «Escritores e poetas» portugueses.

CAMÕES.
GEN[illegible]S
BOCAGE
J.OSÉ ROSADO
[illegible]LHO DINIS
ALMEIDA GARRETT
MÁRIO DOMINGUES
TEIXEIRA DE CASTRO
ALEXANDRE [illegible]
CASTILHO
J.OÃO DE DEUS
AFONSO LOPES VIEIRA
GUERRA JUNQUEIRO
GIL VICENTE
TRINDADE COELHO
FERNANDO NAMORA
JOSÉ RÉGIO

João Fernando dos Santos
al. 215

Solução do passatempo n.º 3

NIQUEL
OURO
PRATA
PLATINA
MOLIBDÊNIO
MERCÚRIO
TUNGSTÊNIO
ALUMÍNIO
CHUMBO
COBRE
RÁDIO
MANGANÉSIO
TÉLURIO
ESTANHO
URÂNIO
COBALTO
?

José Matias Rita
al. 92

PÁGINA Literária

Breves apontamentos sobre Literatura

por ARMANDO SOARES (aluno n.º 203)

Literatura é verdadeiramente o que lhe chamou De Bonold — *a expressão da sociedade.*

Só um objectivo pretendo atingir com esta secção que tenho o prazer de dirigir: criar ou aumentar o gosto pela história literária do nosso país e um pouco do mundo literário através dos séculos.

O que eu vou escrever não é um tratado, mas sim uns simples apontamentos sobre a vida e obra daqueles que, de algum modo contribuiram para o enriquecimento da nossa língua e da história literária.

A par dos homens de letras portuguesas, apresentarei alguns estrangeiros.

Se ao menos um leitor tirar algum proveito do meu despretencioso trabalho, ficarei satisfeito, e procurarei fazer mais e melhor.

Para melhor se compreender e fixar este assunto, apresento a divisão mais adoptada da história literária portuguesa.

ÉPOCA MEDIEVAL
(séc. XII a XV)

Escola dos trovadores ou provençal — 1200 a 1385
Escola dos poetas palacianos e dos cronistas — 1385 a 1521

ÉPOCA CLÁSSICA
(séc. XVI a XVIII)

Escola quinhentista ou italiana — 1521 a 1580
Escola seiscentista ou gongórica — 1580 a 1700
Escola francesa ou arcaica — 1700 a 1825

ÉPOCA ROMÂNTICA
(séc. XIX)

Escola romântica — 1825 até nossos dias

A literatura abrangendo o estudo da poesia, da eloquência e da história, criou a fonte mais rica da língua dum povo.

Pela divisão acima feita, tratarei apenas hoje da época medieval, aquela em que demos os primeiros passos para a nossa riqueza literária.

Época medieval

Escola dos trovadores

Foram vários os géneros de poesia seguidos e aqui apresentarei alguns deles.

a) — Canção de amor e de amigo (escárneo e de mal dizer), e na qual D. Diniz foi inegualável. Eram cantadas a um amigo ou a uma apaixonada que inspirassem esses versos.

b) — Sirventês, destinado a louvar e a engrandecer os senhores feudais.

c) — Descort, canção amorosa sem métrica, em que vulgarmente o poeta se queixava de uma paixão não correspondida.

O trovador Raimbaut de Vaquières, escreveu um descort em cinco línguas diferentes, sendo uma estrofe em cada uma delas; é talvez o mais célebre por esta particularidade.

d) — Contense, consistia num diálogo ou controvérsia cingido a um tema. É o que hoje nós chamamos no Alentejo, «despique».

Quando o tema era amoroso, tomava o nome de enamorata.

Outros géneros foram cantados, como: o plang, a pastorela, a bailada, a barcarola, etc....

Os poetas desta escola tomaram o nome de trovadores, segreis e jograis.

Podemos considerar como o nosso primeiro poeta um tal João Soares de Paiva, e é citado pouco, depois da batalha de Ourique (1139). Mas a nossa composição poética mais antiga data de 1189 e atribui-se a Paio Soares Taveiros.

D. Diniz, o nosso maior trovador, escreveu sob dois aspectos: de carácter religioso e de carácter profano.

As composições que mais fama alcançaram e mais prestigio lhe deram, foram as cantigas de amigo.

Ai flores, ai flores do verde pino,
Se sabedes novas do meu amigo!
Ai Deus, e u é?

Outro grande trovador foi seu filho, D. Pedro, conde de Barcelos, a quem se atribui "O Livro das Cantigas (1350).

Foi nesta época que alcançaram o auge as célebres obras que foram denominadas novelas ou romances de cavalaria, tanto ao gosto francês.

Citarei a novela Chanson de Roland, a mais célebre de todas e que relata a derrota dos franceses na garganta dos Pirinéus em 778. Houve até quem a comparasse à "Ilíada„ de Homero, e é sem dúvida o monumento literário mais notável da França medieval.

Escola dos poetas palacianos

Foi nesta Escola que nasceu o propulsor da humanidade: a imprensa, devida a Gutemberg.

Oh filho de Mayença
Falado em toda a parte,
Oh inventor da arte
Que a todos perpectua!
Oh inventor da Imprensa,
— luz da humanidade!
Justa celebridade
E pura glória a tua!

(J. Deus)

Que mais era preciso para uma grande efervescência literária? Mais nada, e tanto, que passados poucos anos a imprensa era conhecida em todo o mundo civilizado. Os livros que até aí custavam verdadeiras fortunas, e assim só os príncipes e reis eram seus proprietários, passaram a ser adquiridos por indivíduos menos abastados.

Nesta escola apareceram os cancioneiros, e entre eles o Cancioneiro Geral, que Garcia de Resende compilou em 1516.

Nota-se fàcilmente nos cancioneiros a influência espanhola que dominou esta época.

D. João I escreveu o Livro da Montaria, que ficaria a ocupar um dos primeiros lugares nas obras do século XV.

De entre os seus filhos, saliento D. Duarte que escreveu a "Arte de Bem Cavalgar„ e "Leal Conselheiro„, obras de grande erudição, e que por vezes sofre confrontos lisongeiros com Fernão Lopes.

É de notar o aparecimento da história digna deste nome, por intermédio do nosso primeiro cronista: Fernão Lopes (1380).

Apareceram depois outros cronistas, tais como: Eanes de Azurara (1410) Rui de Pina, (1440), etc..

Continua

Lisboa, Fevereiro de 1952

ARMANDO SOARES
(Aluno n.º 203)

As nossas iniciativas

Com o intuito de aumentar o gosto literário dos nossos condiscípulos, faremos brevemente um concurso de obras em prosa (contos, novelas, reportagens) e em verso (quadra, soneto, poema, glosa).

Para esse concurso, todos os concorrentes serão divididos em duas categorias:

Infantis (até aos 16 anos)
Iniciados (até aos 21 anos)

Todas as obras deverão ser entregues até ao fim do mês de Março, e serão devidamente apreciadas por um júri a nomear, e constituído por dois senhores professores e um representante da direcção do jornal.

As três primeiras obras classificadas de cada modalidade, serão publicadas nas nossas colunas, e comentadas por um dos senhores professores do júri.

Esta não será a única iniciativa, pois outras aparecerão com o tempo.

OS NOSSOS MONUMENTOS

CONVENTO DE CRISTO

O Convento de Cristo, criado por D. Dinis, destinou-se a substituír o Mosteiro dos Templários, que então existia; contribuiu grandemente para o engrandecimento da Nação porque foi com suas riquezas que o Infante D. Henrique pôde custear as expedições navais feitas pela costa de África, e ainda pelo facto de serem os Cavaleiros da Ordem de Cristo, quem melhor se comportava nas nossas conquistas feitas sob o signo da Cruz, que ainda hoje existe no nosso mais glorioso Guião. Cada epoca deixou marcada neste Convento a expressão e um pequenino traço do seu vigor e encanto.

Ainda existe a antiga igreja redonda, datada do tempo dos Templários e dois dos claustros da época do grandioso Infante, existindo também a Nova Igreja e as Salas do Capítulo datadas do tempo de D. Manuel I e outros claustros e dormitórios mandados construir no tempo de D. João III, e ainda o mais famoso dos claustros que, apesar de ser mandado construir por este rei, só foi concluído por D. Filipe I, motivo porque ficou sendo conhecido por Claustro dos Filipes.

As maravilhosas obras que se nos deparam são inúmeras e grandiosas.

Comecemos pela Igreja dos Templários, construída em forma de prisma octogonal, tendo ao centro um deambulatório, ambos belamente ornamentados com estátuas de madeira polícroma, grandes painéis e ainda com belos frescos, hoje já muito deteriorados.

A Nova Igreja foi mandada construir, em ligação com a primeira, por D. Manuel I.

O Coro Alto ou Coro dos Cavaleiros é notável pela grandiosa janela de cordas entrelaçadas, e variedade de capitéis e mísulas nas quais se apoia o descimento das abóbadas.

O Claustro dos Filipes é na sua sumptuosa arquitectura, uma nobreza.

A Sala do Capítulo dos Cavaleiros é surpreendentemente bela na sua ornamentação de troncos nodosos. É aqui que se encontra a jóia mais bela do Convento: a célebre janela da Sala do Capítulo, em que o arquitecto João de Castilho narra a descoberta do Caminho Marítimo para a India. É, sem dúvida, a mais estranha maravilha do estilo Manuelino.

Rogério Santos
Aluno n.º 123

ANEDOTA

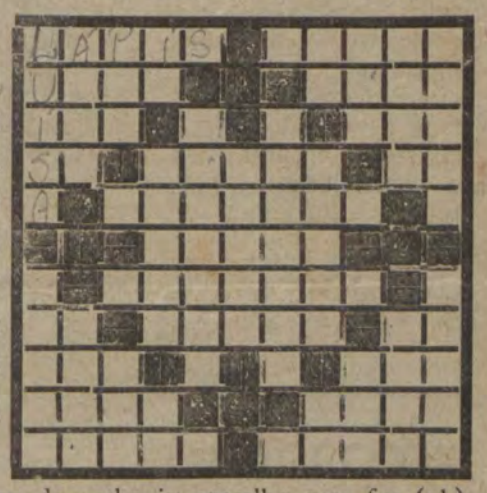
Certo indivíduo entrando num seringal e vendo as árvores cheias de latinhas, exclamou espantado: «Sim, senhor, vocês aqui são cuidadosos. Mas os cachorros acostumam-se depressa a usar estas latas?»

O espírito sem discrição é como que facho nas mãos dum louco.

Muito bem.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 4



HORIZONTAIS — 1) Objecto que serve para escrever; pássaro dentirrostro. 2) Cantiga; mulher de instintos ferinos. 3) Espécie de crosta que se cria nas feridas dos animais; troças. 4) Batráquio; dia comemorativo da entrada de Cristo em Jerusalém; grito de dor. 5) Inquilino. 6) Aqui; parte traseira de um barco (inv.). 7) Chapéu cardinalício (pl.). 8) Culpada; gosto; atmosfera. 9) O mesmo que olá; ombro. 10) Pátria; som do canhão. 11) Queimas; fruto da amoreira.

VERTICAIS — 1) Nome de mulher; exército. 2) Dinheiro que se deu em sinal ou garantia dum contracto; pron. pess. (pl.). 3) Vaso de pedra para líquidos; aqui está. 4) Tempo do verbo ir; aparelho para fiar (pl.); saudável. 5) Pessoa muito magra (fig.). 6) Velhaca; nome de letra (inv.). 7) Moldes. 8) Artigo antigo; tratamento que se dá às freiras; duas letras de atum. 9) Compreender; rezo. 10) Comia; afecto. 11) Lugar aprazível entre outros que o não são fragância.

OLÍVIO BELO
al. 75

Solução do problema n.º 3

HORIZONTAIS — 1) Mega; oral. 2) Airosidade. 3) Uva; ar; sai. 4) Sá; ulos; os. 5) In; Al. 6) Ri; dê. 7) Mo; argo; ré. 8) Uro; oi; mar. 9) Recrescera. 10) Asas; elos.

VERTICAIS — 1) Maus; mura. 2) Eiva; ores. 3) Grã; ir; oca. 4) Ao; unia; rs. 5) Sal; roe. 6) Iró; gis. 7) Dó; sado; cê. 8) Rãs; lê; mel. 9) Adão; raro. 10) Leis; eras.

ESCREVER...

Continuação da 1.ª página

responsabilidade, já nos vimos forçados a compilar apontamentos preciosos, extraídos de originais em francês, espanhol, etc. Para tudo isto, é inegável, necessita-se de se saber escrever!...

Para se saber escrever não é necesssário ter-se habilidade especial, nem dons extraordinários. Tais dotes só são precisos para se escrever muito bem, vincando um nome no objectivo da celebridade intelectual e social; ora esta alínea é-nos absolutamente dispensável.

Para bem se redigir bastará que cada um de nós se entregue abertamente à obra da edificação dum regular estilo, compatível com a posição que iremos ocupar na sociedade, função do curso-médio que possuimos. Maneira de o conseguir? Muito fácil! Lendo bons livros e colhendo da formação das suas frases e períodos o ensinamento da coordenação dos seus elementos constitutivos. Assistindo, sempre que possível, à representação de boas peças teatrais, a conferências e palestras de homens de letras eminentes, tentando elevar as nossas conversas internas a um nível mais cultural e edificador não esquecendo, porém, o espírito académico que terá sempre o seu lugar nas nossas conversações.

E pouco a pouco, sem mesmo darmos por isso, começa a acentuar-se em nós uma cultura que nos ajudará em tudo, em absolutamente tudo, na vida futura.

Saber escrever um pouco é simples e maravilhoso. Nada de mais agradável pode preencher os nossos momentos ociosos, do que um lápis a dançar alucinadamente sobre o papel, vincando nele impressões da vida real, recordações do passado, imagens escritas de outras imagens visuais que nos agradaram, factos inesquecíveis que o papel conservará para a posteridade.

Como vêem, é bastante destituída de dificuldade, a missão que vos peço. «O Jornal dos Pupilos do Exército» é dos alunos e para os alunos. Meditem um pouco no que aqui fica escrito e nós ficamos à espera do resultado desse pensamento interno.

Estou certo que acabará essa tendência de retraimento em escrever e em breve aumentará enormemente o número dos alunos colaboradores.

Novelas, contos, poesias, crónicas, descrições de viagens e passeios, artigos de carácter regional, desportivo, mundano, não estará tudo isso ao alcance de vós mesmos? Claro que sim! Nós cá ficamos esperando pelas vossas produções, melhorando a vossa cultura, o nosso jornal, o nosso bom nome futuro, e o nome do Instituto de que todos nos devemos orgulhar!

DAVID SEQUERRA
(Aluno 333)

RECORDAMOS...

...que o preço mínimo da assinatura anual do nosso mensário é de 20$00 (vinte escudos) pagáveis de uma só vez, ou em três prestações de 7$00 (sete escudos) as duas primeiras, e de 6$00 (seis escudos) a última, que podem ser enviadas em carta registada, selos ou vale de correio, à Administração do Jornal «Os Pupilos do Exército», Travessa de S. Domingos de Benfica — Lisboa (Portugal).

...que o prazo para pagamento da segunda prestação, para os nossos estimados assinantes que já satisfizeram a primeira, termina no dia 31 de Março. Para bom funcionamento da Administração deste jornal, agradecemos que a respectiva importância nos seja enviada antes da data acima indicada.

VIDA DESPORTIVA DO I. P. P. E.

Campeonato Provincial da M. P.

Volley-Ball

Começou no dia 13 de Janeiro o campeonato de Volley-ball, o qual tem decorrido com bastante regularidade. Damos a seguir os resultados obtidos pelas nossas equipas nos encontros efectuados até ao momento, e alguns comentários.

Dia 13 de Janeiro

INFANTES

Constituição da equipa: Etelvino Dias, António da Silva, Domingues Ferro, António Leal e Raúl Pereira. Suplentes: Joaquim Vilarinho e Carlos Sousa.

Pupilos, 2 — Fonseca Benevides, 0

A composição da equipa é a mesma para os outros encontros.

VANGUARDISTAS-A

Componentes da equipa neste e nos outros encontros: Manuel Santos, Rui Luc, Hélder da Silva, Artur da Costa, Mário Pereira e Vítor Santos. Suplentes: João Lusa e Joaquim da Silva.

Pupilos, 2 — Fonseca Benevides, 0

VANGUARDISTAS-B

Jogadores utilizados neste e nos outros jogos: Erico Capela, Vítor Rodrigues, Júlio Rodrigues, Luís Lopes, José Fernandes e Guilherme Guedes. Suplentes: Horácio Pereira e Joaquim Brandão.

Pupilos, 2 — Ferreira Borges, 0

CADETES

Composição da equipa: Fernando Azevedo, Olívio Belo, Fernando Loureiro, Mário Pereira, Matos Silva e Afonso da Cruz. Suplentes: Jorge Vidigal e José Junça.

Pupilos, 2 — Patrício Prazeres, 0

Esta vitória foi obtida por falta de comparência do adversário.

Dia 21 de Janeiro

INFANTES

Pupilos, 2 — Ateneu, 0

VANGUARDISTAS-A

Pupilos, 2 — Patrício Prazeres, 0

Vitória por falta de comparência do adversário.

VANGUARDISTAS-B

Pupilos, 2 — Fonseca Benevides, 0

CADETES

Pupilos, 2 — Fonseca Benevides, 0

Dia 3 de Fevereiro

INFANTES

Pupilos, 2 — Machado Castro, 0

VANGUARDISTAS-A

Pupilos, 2 — Voz do Operário, 0

VANGUARDISTAS-B

Pupilos, 2 — Patrício Prazeres, 0

CADETES

Pupilos, 0 — Voz do Operário, 2

Por não termos reunido o número de jogadores necessários perdemos este encontro por falta de comparência, tendo ficado a nossa equipa colocada em 2.º lugar.

Dia 10 de Fevereiro

Só se realizou o encontro de *Cadetes*. O nosso adversário foi a *Escola Agrícola da Paiã*, que se classificou em 1.º lugar embora tenha perdido.

Pupilos, 2 — E. Agrícola da Paiã, 1

Dia 17 de Fevereiro

INFANTES

Pupilos, 2 — Patrício Prazeres, 0

» 1 — Marquês de Pombal, 2

VANGUARDISTAS-A

Pupilos, 2 — Machado Castro, 1

VANGUARDISTAS-B

Pupilos, 0 — Patrício Prazeres, 2

» 2 — E. Agrícola da Paiã, 0

Vital dos Reis

Futebol

Pupilos, 5 — Afonso Domingues, 0

Jogo realizado no dia 10 de Fevereiro no campo de treinos do Estádio Nacional:

A constituição da nossa equipa foi a seguinte:

Monteiro; Brites e Aleixo; Pontes, Rodrigues e Gomes; Braga, Sousa, Verde, Caxide e Nunes.

Quando soou o apito do árbitro para finalizar a 1.ª parte, a vitória pertencia aos nossos representantes, mas sòmente por 1-0. Este foi o resultado de uma irregular exibição feita pelos nossos jogadores, coadjuvada pelo mau trabalho do árbitro. A nossa equipa, que esteve dois domingos sem jogar, demonstrou falta de jogos de campeonato, embora treine todas as quartas-feiras com os Júniores, o que não basta.

No 2.º tempo a feição do jogo mudou, havendo a registar a obtenção de 4 tentos, mercê de melhores jogadas e o resultado não foi mais além devido à precipitação dos nossos avançados. O poder físico dos nossos jogadores mais uma vez esteve em evidência. Os nossos golos foram marcados pelo centro-avançado Verde. Nada mais há a dizer sobre este desafio em que o resultado ajusta-se ao desenrolar da partida.

Com este desafio, o único que nos faltava disputar, ficou a nossa equipa apurada para as finais com o excelente «score» de 26 0, contando por vitórias os desafios disputados. Em 2.º lugar temos a Esla Afonso Domingues com uma vitória (10-0), 1 empate (0-0) e 1 derrota (0-5).

Agora, há que esperar pelo apuramento dos vencedores das outras séries, para disputarem em conjunto o título de Campeão de Lisboa.

Vital dos Reis

Noticiário *desportivo*

As equipas apuradas para a poule final do campeonato de futebol da Ala de Lisboa (iniciados) são: PUPILOS DO EXÉRCITO, Escola de Afonso Domingues, Colégio Clenardo, Escola de Manuel Bernardes, Liceu de Gil Vicente e Liceu Camões. O primeiro jogo da nossa equipa é contra o Colégio Clenardo.

A classificação que a nossa equipa de cadetes obteve em volley-ball, zona das Escolas Técnicas, foi o 2.º lugar.

As provas de atletismo do torneio de mínimos para a disputa

Continua na 2.ª página

PING-PONG

Terminou o campeonato interno de ping-pong, organizado pela Sala de Alunos, iniciado em 15 de Janeiro e que, conforme dissemos, contou com a inscrição de 21 concorrentes.

Os resultados feitos pelos três primeiros de cada uma das 2 categorias foram os seguintes:

INFANTIS

Sebastião de Almeida (338) — 7 jogos, 6 vitórias, 1 derrota.

Fernando Real (237) — 7 jogos, 5 vitórias, 2 derrotas.

Rui Dias (71) — 7 jogos, 5 vitórias, 2 derrotas.

JÚNIORES

Série A

Brandão de Brito (374) — 6 jogos, 6 vitórias.

Mário Pereira (91) — 6 jogos, 5 vitórias, 1 derrota.

Série B

Mário Martelo (363) — 5 jogos, 5 vitórias.

Matos Cruz (139) -- 5 jogos, 4 vitórias, 1 derrota.

Classificação final nesta categoria:

Mário Martelo — 3 jogos, 3 vitórias.

Mário Pereira — 3 jogos, 2 vitórias, 1 derrota.

Brandão de Brito — 3 jogos, 1 vitória, 2 derrotas.

Os seis apurados nas 2 categorias disputaram em conjunto a posse das 4 medalhas e os resultados foram:

Sebastião de Almeida (338) — 5 jogos, 4 vitórias, 1 derrota.

Mário Martelo (363) — 5 jogos, 4 vitórias, 1 derrota.

Mário Pereira (91) — 5 jogos, 3 vitórias, 2 derrotas.

Brandão de Brito (374) — 5 jogos, 2 vitórias, 3 derrotas.

Rui Dias (71) — 5 jogos, 2 vitórias, 3 derrotas.

Fernando Real (237) — 5 jogos, 5 derrotas.

A grande surpresa do torneio foi Sebastião de Almeida, que na última jornada venceu, contra todos os prognósticos, os dois primeiros classificados, obtendo mui justamente o 1.º lugar; este jogador, que concorreu pela 1.ª vez, foi a revelação do campeonato.

O segundo lugar foi ocupado por Mário Martelo, que pela 3.ª vez concorreu, tendo obtido 2 terceiros lugares nos anos anteriores; teve certa facilidade em vencer os jogos anteriores, mas sucumbiu perante Sebastião de Almeida.

Mário Pereira obteve o 3.º lugar. Tal como Martelo foi o terceiro ano que concorreu, obtendo um 2.º lugar no ano transacto; este jogador desde o início do campeonato colocou-se em 2.º lugar, mas na última jornada foi deslocado para 3.º lugar.

Em 4.º lugar ficou Brandão de Brito com igual número de vitórias e derrotas de Rui Dias mas tendo a vontagem de ter ganho a este; conquistou com justiça este lugar. Foi o 1.º ano que concorreu.

Rui Dias foi o autor das 2 derrotas que o 1.º classificado sofreu durante todo o campeonato; tal como Fernando Real, que ficou em último lugar, foi o 1.º ano que concorreu.

Vital dos Reis

ESTE NÚMERO DE "O JORNAL DOS PUPILOS DO EXÉRCITO„ FOI VISADO PELA C. DE CENSURA

ANO II — MARÇO DE 1952 — N.º 16

O Jornal dos Pupilos do Exército

Deus, Pátria e Família

QUERER É PODER

REDACTORES PRINCIPAIS: *David Sequerra e Vital dos Reis* — DIRECTOR: **FERNANDO LOUREIRO** — EDITORES: *Cursos Finalistas*

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Propriedade do I. P. P. E. / Comp. e imp. na Gráfica Almondina / Torres Novas

MISSÕES DE ESTUDO

DESTE momento, em que já se começa a falar no nosso Instituto da Excursão de Estudo (eu prefiro chamar-lhe Missão de Estudo), que é hábito organizar antes de terminar o ano lectivo, não deixa de ser oportuno fazer algumas considerações sobre o assunto.

Em primeiro lugar, há que banir a confusão, estabelecida por algumas pessoas, entre as «Excursões de Estudo», e as «Excursões Turísticas». Ora é óbvio que se estas têm por finalidade proporcionar o prazer de viajar, ver novas terras e monumentos, diferentes raças e costumes, recreando o espírito, embora, subsidiàriamente, se colha sempre certo benefício no aumento de cultura, se bem que mal assimilada pela vertiginosa rapidez que se imprime a essas viagens, especialmente quando organizadas pelas Empresas de Turismo, aquelas têm o objectivo principal de pôr os alunos em contacto com as realidades da vida industrial, económica ou cultural do país, cujos conhecimentos adquiriram nas aulas teóricas, apetrechando-os, desta forma, com ensinamentos de ordem prática, para sempre gravados na sua memória, ao mesmo tempo que dão também cultura geral e verdadeiro prazer espiritual, subtraindo os, por outro lado, momentâneamente, à acção neurastenizadora da vida quotidiana.

Comprende-se, fàcilmente, que este último factor, só por si, seja suficiente para excitar o espírito dos alunos, pela perspectiva de se libertarem durante alguns dias — que parecerão horas — das obrigações, formalidades e formaturas a que obriga um regime de internato e, para mais, militar.

Todavia, seja-me permitido chamar a atenção dos alunos para a responsabilidade que contrairam, ao envergar a farda do pupilo, não só perante o Instituto, que devem procurar honrar em todas as circunstâncias, como também, e principalmente, para os seus Pais e para si mesmos, propondo se, não só obter «tant bien que mal» a sua carta de curso, o que seria pouco, mas também demonstrando, na vida profissional, que são elementos competentes e activos com que pode contar a Nação.

Ora, isto só será possível, se aproveitarem todas as oportunidades para aumentar a sua bagagem de conhecimentos. Se assim é, ou deve ser, quer nas aulas teóricas, quer nos trabalhos de laboratório ou oficinas, ou ainda na instrução militar, da mesma forma se torna necessário que, durante as «Missões de Estudo» dediquem a máxima atenção a tudo quanto virem e ouvirem, aguçando o espírito de observação, provocando até explicações em caso de dúvida, procurando, enfim, obter o maior proveito possível.

Não deve, por isso, ser considerada uma impertinência o facto de certos professores exigirem a apresentação de um relatório sucinto por parte dos alunos no fim da excursão, porque, esse documento, se for feito com honestidade, terá um cunho absolutamente pessoal, e traduzirá por conseguinte, as impressões colhidas individualmente, ao mesmo tempo que obriga a um trabalho de compilação, ordenação e redacção, baseado nas impressões fixadas na memória ou em notas tomadas, o que será de não pouca utilidade, como treino para a sua vida profissional.

Em síntese, devem os alunos «juntar o útil ao agradável», lutando contra a tendência epidémica para a fatuidade e futilidade, dois males, que, segundo parece, certa mocidade dos nossos dias inscreveu, como lema, na sua bandeira.

Se o conseguirem poderão ufanar-se de ter vencido uma grande batalha a seu favor. Isto, porém, não significa, de forma alguma, que se pretenda que os alunos, durante as «Missões de Estudo», ostentem o ar circunspecto de «meninos sábios» ou «meninos prodígios». fama esta que, a continuar vicejando como nos últimos tempos, acabará por fazer sentar os anciãos no anfiteatro das Universidades ou dos Conservatórios de Música para ouvir a palavra erudita ou contemplar a batuta mágica dos recém-nascidos pontificando...

Não, de forma alguma! A mocidade quer-se alegre, dinâmica e despreocupada, dentro de certos limites, desejando se apenas que mantenha compostura, correcção e interesse nos actos sérios, relegando as brincadeiras e ditos de espírito para as ocasiões oportunas, de forma a deixar sempre, de si boa impressão e contribuir, pelo seu porte exemplar, para que os professores que

Continua na 2.ª página

Pequenas notícias

Por ter sido substituido, a seu pedido, nas funções de professor de Canto Coral que exercia neste Instituto o sr. cap. Chefe de Banda de Música, Armando Fernandes, deixou este Estabelecimento de Ensino.

—Desde 8 de Fevereiro que se encontra colocado no Instituto como professor provisório do Curso de C. O. P. M. no presente ano lectivo, o sr. alf. miliciano de engenharia José Francisco Pereira de Sampaio Quintino Rogado.

—Realizaram uma visita de estudo às instalações da C. R. G. E. na Boavista os alunos do 4.º ano de M. E. acompanhados do sr. cap. de eng. Molarinho do Carmo.

— Os alunos do 3.º ano do Curso de Contabilista fizeram uma visita de estudo, acompanhados do sr. cap. do S. A. M. F. Martinho à Fábrica de vidros Gaivota e às instalações da Fábrica de Sabonetes Beato.

— Acompanhados do Sr. maj. de eng. Ferreira Vidigal foram em missão de estudo os alunos do 3.º ano de M. E. à C. R. G. E. Central Tejo.

— A excursão dos finalistas, cujo itinerário está sendo cuidadosamente elaborado, deve ser no fim do mês de Abril.

Escritos de outros tempos

Por nos parecer interessante, inserimos nas nossas colunas deste número um artigo publicado no número comemorativo do 28.º Aniversário do Instituto, do jornal que há anos atrás os alunos faziam publicar anualmente. Não sabemos ao certo quem é o autor, por assinar com iniciais, mas seja quem for, merece os nossos parabéns por este artigo.

CULTURA CIENTÍFICA E MORAL

«Da formação física, intelectual e moral na vida de hoje, depende a civilização de amanhã.»

O homem, assim como tem o dever de se governar, tem também o de se instruir e tanto mais acentuados são estes deveres, quanto reconhecemos que no mundo actual tornado um grande laboratório onde cada um tem uma missão definida, esta não será completamente realizada, se aquele não possuir conhecimentos muito especiais que o tornem um bom técnico, se não for dotado de uma grande cultura e não tiver aceite e compreendido a sua profissão.

Deverá essa cultura visar exclusivamente a especialização?

Em nosso parecer deve dar-se ao trabalhador, a par de uma formação técnica bastante maleável para poder ser diversamente utilizada, uma cultura intelectual que fortifique as faculdades de observação e reflexão.

Deve-se procurar então no vasto domínio científico o que melhor se ajuste às necessidades da cultura racional, familiarizar-lhe a inteligência com os grandes princípios da ciência e notar-lhe que só é completamente homem o que une à prática duma profissão e ao saber de um técnico, as luzes de uma grande cultura geral.

A adaptação de cada indivíduo à prática contemporânea duma profissão definida, limitada pela especialização, arriscá-lo-á pelo progresso, a não ser dentro de poucos anos, senão um elemento sem emprego e sem interesse para a corporação e para a família.

Mas nenhum lucro se tirará dos conhecimentos adquiridos se não se observarem certos métodos ou melhor, certos hábitos intelectuais sem os quais não há espírito livre e vivo.

A cultura científica ensina-nos o respeito à verdade com a lição dos factos, obriga-nos à abstracção dos desejos e fantasias da nossa imaginação, ordena nos o pensamento pela ligação racional que estabelece entre as imagens simultâneas e sucessivas, força-nos à reflexão segura e exacta manifestada nas nossas acções e fixa assim princípios de vida moral.

Descobre-se mesmo uma relação mais estreita entre a cultura científica e moralidade, se analisarmos a nossa própria natureza e verificarmos a necessidade de regras racionais, sem as quais, nem a inteligência se desenvolveria, nem a vontade se constituiria, nem a sensibilidade escaparia ao conflito doloroso das tendências desordenadas.

Cultive-se então a inteligência, sem a pretensão de a elevar como valor supremo e com menosprezo pelas outras faculdades, porque embora lhe caiba essencialmente a função de fiscalizar, ordenar e disciplinar as restantes, não é só por ela que a opinião julga os homens, mas também pelo seu carácter e pelo seu coração.

A humanidade passa por um momento de agitação tão tumultuosa pela forma alucinante que tomam os desejos e os pensamentos que só a plena concepção da virtude e do bem aliada ao saber, podem desviá-la do abismo.

Visado pela Censura

Destinos, Fado, Saudade...

Conto por *David Nogueira Sequerra*

ACABARA de se ouvir um alegre corridinho do Algarve e o programa de música portuguesa ia prosseguir.

Na salinha de estar, mobilada com requintado gosto, sóbria mas enternecedoramente bela, o engenheiro Pedroso e sua esposa, passavam um serão pacato e feliz, como dois jovens esposos felizes que eram.

Na telefonia, a voz do locutor faz-se de novo ouvir:

— E agora irão escutar um fado pela nóvel cantadeira Aida Maria, um nome que desponta para a celebridade.

O rosto do marido, contraiu-se numa expressão carregada e víril. O olhar tornou-se-lhe mais vivo e pleno de reflexos; sentiu-se-lhe um respirar mais fundo e houve uma alteração na compassada pacatês do seu coração.

Tudo isto fôra obra de segundos, escassos segundos que por vezes, despedaçam uma vida, destroem um destino. O fado começara numa voz quente e terna, magoada e tristonha:

Brincaste com o meu carinho
E desde essa triste hora,
Fiquei sem luz no caminho,
Perdi-me, sou pecadora!

O engenheiro Pedroso parecia absorto nos seus pensamentos. Vagueava-lhe o olhar perdido por um ignoto além inatingível, encerrando um mistério escaldante de curiosidade. Estava bem longe dali... Voltara a Alfama, aos becos escuros e sinuosos, a par da luz dos candeeiros velhinhos, à visão dos paresinhos de apaixonados vivendo o seu sonho...

—...Não achas, João? — Perguntava-lhe a esposa carinhosamente, numa interrogação que perdera o seu princípio, absorvido pela total distracção dos seus vagos pensamentos.

Reagiu, esforçou-se para disfarçar o que lhe ia na alma. Sorriu (pelo menos tudo fizera para o conseguir) e inquiriu afável:

— Não acho o quê, querida? Estava um pouco distraído.

— Se não achas que esta Aida Maria é estupenda, uma autêntica fadista?

Vi hoje o retrato dela. Sabes que é lindíssima?

— Não, não sei!

Baixou o olhar mais brilhante que nunca para o jornal. Tinha medo que as lágrimas lhe bailassem nos olhos, como já lhe rodopiavam na alma. Não sabia que Aida Maria era linda! Ah, se não havia de saber! A sua Aida Maria!

Como se passam depressa dez anos e como a amara tanto nessa altura, essa catraia bairrista de espírito irrequieto e vivo, tão estranho e difícil de compreender. Tão difícil, que nunca lhe deu a entender todo o amor que lhe dedicara; e por julgá-lo pouco e leviano, deixa-a após dois anos de convívio.

Pensara apenas que fora uma aventura e nada mais. Mas para a Aida Maria, fora uma vida, um sonho lindo por quem diz viver, uma desilusão dura que lhe trouxe a morte. Morreu para o mundo, nasceu para a perdição e para o pecado?

Sentia-se daninho e vil e só hoje compreendia bem quanto vale o amor duma mulher do povo. Aquele fado era para ele, para castigo da sua infâmia, sentia-o como chicotadas no fundo do seu ser, represa de queixumes, tortura de saudades!

O fado estava a acabar...

Em cada boca que beijo
Perdida, como uma louca
Mato em mim o mesmo desejo
De beijar a tua boca!

Quantas vezes a beijara? Quantas lhe jurara amor? A vida, esta comédia infinita que nunca mais quer ter fim, como é por vezes dura na escolha dos destinos. Mas desta vez fôra ele, ele só, que mudara o destino desse alguém que chora a cantar, cantando aquilo que chora!

— Formidável, não concordas querido! Canta com um raro sentimento!

— Sim, realmente. Tenho que ir trabalhar mais um pouco no meu projecto. Até já!

O engenheiro Pedroso saíu apressado, escondendo o que sentia. É que nessa noite quando findou esse fado que lhe rasgara a alma, sentiu uma vontade louca de se isolar no seu escritório particular para chorar de remorço.

Nada havia a fazer. O mundo já mais deixará de ser assim: Destinos, Fados, Saudade.

David Sequerra

O que vai pelo pilão...

(Secção destinada aos adultos com idade superior a 12 primaveras)

— «O cão do gelo» foi o tema da conferência que o conceituado filósofo Virgolino realizou ontem...

— «Ontem e não hoje» eis o lema do Capitolino nas suas discussões...

— «Discussões, confusões, atrapalhões, comichões, raizes quadradas, logaritmos, senos, etc., «são propriedade do Pi.. de Évora...

— Évora é a terra da qual é cidadão honorário, o Netinho...

— O Netinho, O Toninho, O Telinho e o Mandinho foram ao Brasil, já sabiam?...

— ...Que o Naba.. e o Pat. foram a grande revelação do campeonato de Ping Pon?

—...Que o Manolet. acabou de publicar o novo dicionário de pretoguês?

...Que o autor destas linhas não regula bem?

Noticiário Desportivo

Continuação da 1.ª página

Estas equipes disputarão a poule final conjuntamente com os 2 primeiros classificados das Zonas dos Liceus e dos Col. Particulares para apuramento do campeão da Ala de Lisboa em cada categoria.

❧ Ao fim da 2.ª jornada da poule final do Campeonato de futebol (Iniciados) a classificação é a seguinte: 1.º) M. Bernardes, 4 pontos (10-1) 2.º) C. Clenardo 4 pontos (3-1) 3.º PUPILOS, 2 pontos (8-1) 4.º) Camões 2 pontos (6-2) 5.º) Gil Vicente 6.º) Afonso Domingues com 0 pontos.

❧ O campeonato de futebol, Júniores, deve ter início brevemente, tendo-se realizado a inspecção dos componentes da equipa representativa do Instituto no dia 6.

❧ Os limites de idade para a prática de Tiro e Natação são de:

Tiro, 14 aos 20 anos — Natação, 10 aos 20 anos.

Recordamos...

...que o preço mínimo de assinatura do nosso mensário é de 20$00 (vinte escudos) pagáveis de uma só vez, ou em três prestações de 7$00 (escudos) as duas primeiras, e de 6$00 (seis escudos) a última, que podem ser enviadas em carta registada, selos ou vale de correio, à Administração de «O Jornal dos Pupilos do Exército «Travessa de S. Domingos de Benfica, Lisboa-Portugal.

ANTOLOGIA

Apresentarei hoje aos caros leitores, um poeta, esquecido, senão ignorado, pela maioria daqueles que lerem estas linhas.

Aqueles que o conheceram, depressa dele se esqueceram, mantendo-se mais uma vez a frase de Nerval «Os mortos esquecem depressa», mas os seus versos hão-de perdurar através dos tempos.

O poeta nunca morre, embora seja agreste
a sua inspiracão, e tristes os seus versos!

José Duro, o poeta favorito de Marte, ainda não encontrou a sua verdadeira coroa de glória, mas tempo virá em que será melhor compreendido, e decoraremos os seus versos.

José Duro, será menos artista que António Nobre e Cesário Verde, mas por certo mais humano.

No seu pequenino livro há apenas dores e desilusões, é certo, mas a sua alma não enegreceu; bastava a dor por que passou para a clarear e purificar.

Como os velhos não leram José Duro e os novos não o conhecem, ele continua ignorado, como se nada tivesse escrito de bom. Foi pouco, é certo, mas foi bom.

Nasceu em Portalegre e apenas 22 anos depois, finava tísico e incompreendido, em Janeiro de 1899.

Que os novos façam por conhecer a sua obra, que se resume a um livro, mas nem por isso lhe diminui o valor, já que os velhos o não quiseram ler.

CEGO...

Eu hei-de embebedar o coração um dia
E assassiná-lo a rir de encontro ao peito escuro...
Depois, cìnicamente, ir pô-lo no Monturo.
Deixá-lo apodrecer ao sol e à ventania...

Hei-de cegar o olhar, despedaçar-lhe a vista,
Porque não torne a ver que o despreza tanto.
Cisterna do Desgosto e Fonte do meu Pranto:
Há-de esmagar-te, sim, a minha mão d'artista...

Não quero coração, nem mesmo quero olhar,
Mas, cego, buscarei o teu amor alvar
—Veneno que me perde e nectar que me anima...

E, se acaso o encontrar, Mulher robusta è nova,
Ou seja numa vala ou seja numa alcova,
Hei-de calcá-lo aos pés, hei-de escarrar-lhe em cima!

ARMANDO ALBINO DE OLIVEIRA SOARES
(Aluno do 4.º ano M. E.)

Missões de Estudo

Continuação da 1.ª página

os acompanhem não fiquem envergonhados, mas sim orgulhosos dos seus discípulos.

Não sei qual será o plano da «Viagem de Estudo» deste ano. Qualquer que seja, poderemos estar certos de que a ilustre Direcção procurará, dentro das suas possibilidades, proporcionar aos alunos que nela tomem parte uma excursão bastante útil, do ponto de vista técnico e cultural.

Já que a sugestão, que tive a honra de apresentar ao Conselho Escolar, na sua última sessão, e que mereceu a simpatia, não só do referido Conselho, como de S. Ex.ª o Director, não terá, certamente, probabilidades de se transformar, por enquanto, na realidade, contentemo nos com a viagem que a mesma Direcção puder organizar.

A referida sugestão consistia em procurar obter das Entidades Superiores os meios materiais necessários e outras facilidades para levar a efeito, durante as férias de verão, uma missão de estudo a uma das nossas Províncias Ultramarinas, à semelhança do que foi proporcionado, no verão passado, a alguns alunos e professores do Colégio Militar, bela iniciativa, que por todos foi olhada com simpatia.

Dada a impossibilidade de ir a todas as províncias de Além-Mar, optaríamos, claro, pela nossa rica Angola.

Se aquela ideia, porém, continuar merecendo aplauso, permitam-me outra sugestão: persistam nela, não a deixem morrer. Quem sabe! Talvez acabe por chegar um dia ao conhecimento de Sua Ex.ª o Ministro do Ultramar que, profundo conhecedor e grande entusiasta de todos os problemas que, directa ou indirectamente, se ligam ao desenvolvimento dos nossos extensos domínios ultramarinos, não deixará de acarinhar, estou certo disso, esta iniciativa e de contribuir para a sua realização, uma vez que ela servirá, de forma tão indubitável, que não necessita de demonstração, os altos interesses nacionais.

Com efeito, se é imperativo prosseguir na política de valorização dos nossos recursos ultramarinos, política essa que, nesta ocasião, já transcende o âmbito nacional para se transformar em assunto de carácter e interesse internacional, dado o valor últimamente atribuído ao continente africano como próximo futuro fornecedor das preciosas matérias primas, que tanto escasseiam presentemente, e tão indispensáveis serão no bloco das nações ocidentais, na hipótese de um novo conflito mundial, que melhor maneira haverá de preparar o espírito da actual geração para a grande tarefa que, por certo, lhe será imposta, sobretudo na nossa África, do que pô-la em contacto com os seus imensos recursos naturais, ainda por explorar, e que só esperam a acção dinâmica e inteligente do Homem e os capitais indispensáveis para se traduzir em riqueza?

Pelo que diz respeito aos alu-

Continua na página seguinte

PÁGINA Literária

Breves apontamentos sobre literatura

Por: ARMANDO SOARES, aluno n.º 203

(Continuação)

Como foi meu propósito, aqui apresentarei alguns escritores estrangeiros, que deixaram o seu nome escrito a letras de oiro.

No estrangeiro a par da época medieval, viveram grandes homens, como: Dante Alighiere, natural de Florença e nascido no ano de 1282. Escreveu uma obra prodigiosa e dentre ela, saliento a Divina Comédia, o seu trabalho capital. Dividida em três partes: Inferno, Purgatório e Paraíso, e cuja inspiração se deve aos seus amores por Beatriz.

Os seus sucessores mais ilustres, foram: Petrarcha (1304), que escreveu com sentimento e paixão erótica no seu mais alto expoente, e Boccácio (1313), coleccionador do Decamerone.

Em 1448, nasce o mais célebre imitador de Petrarcha, o grande ditador de Florença, Lourenço de Médicis.

ÉPOCA CLÁSSICA

Escola quinhentista ou italiana

Foi nesta escola que Portugal teve a sua idade de oiro. Foi de curta duração este periodo, mas embora curto, nele viveu a plêiade de escritores mais numerosa e mais brilhante que jamais tivemos.

Portugal era invejado pelos outros países, não só no aspecto intelectual, como também no monetário, em que os cofres do reino abarrotavam de oiro. Foi este mesmo oiro que nos levou mais depressa à ruina material, mas a outra riqueza é imperecível e inalterável, e perdurará através dos tempos, sejam eles quais forem, e nos foi legada por Camões, Gil Vicente, e Damião de Góis.

Bastariam estes três nomes para nos enchermos de justificado orgulho, mas outros podemos recordar, como: Pedro Nunes, Sá de Miranda e muitos outros.

Esta época teve o seu expoente máximo, no nosso maior épico que cantou em letras de oiro as glórias lusitanas: Luís de Camões.

Luís de Camões (1524-1580) vale por si só uma literatura inteira, na opinião de um dos maiores eruditos que têm pisado a terra portuguesa.

Várias terras disputam a honra de ter servido de berço ao nosso épico. Entre elas, Lisboa deve ter supremacia, mas o problema continua insolúvel.

Em 1547 embarca para Mazagão e aí, numa refrega com os mouros, perde o olho direito.

Passado um ano de reclusão no Tronco, motivado por um conflito com um moço de arreios de D. João III, embarca em 1553 para Goa, e foi aí que ele começou a escrever o seu imortal poema.

Por volta de 1558 parte para Macau, para desempenhar o cargo de Provedor de defuntos e ausentes, e aí, numa gruta que ainda hoje tem o seu nome, escreveu a maior parte dos seus versos, mas os seus inimigos, que no reino sempre o perseguiram, mesmo aqui o não deixaram em paz. Com a teia que lhe armaram, fizeram-no prender, sob a acusação de se apossar dos bens de defuntos e ausentes.

Quando regressava a Goa, o navio em que navegava, naufragou e foi a muito custo que se salvou e salvou a sua obra.

De Goa, vem para Moçambique, mas tal a sua situação financeira, que teve de viver à custa de amigos. Daqui, embarca para o reino na companhia de Diogo do Couto. A peste que lavrava em Lisboa, levou-lhe a sua Natércia, a inspiradora dos seus versos. Restava-lhe apenas a mãe e com ela foi morar para a Calçada de Sant'Ana.

De sua casa roubaram-lhe uma colecção de poesias que intitulara «Parnasso». Camões dedicou os Lusíadas a D. Sebastião, que o galardoou com uma pequena pensão que não chegava para viver. Foi em 1572, depois de todas as dificuldades impostas pelo Santo Ofício, que apareceu a primeira edição.

Por ocasião em que se dava o trágico desastre de Alcácer-Quibir, Camões escrevia a um amigo, em que dizia: «Fui tão afeiçoado à minha Pátria, que não me contento em morrer nela, mas com ela». Acabou os seus dias de martírio a 10 de Junho de 1580.

Camões cultivou três generos de poesia: a épica, em que foi inimitável, a lírica, em que se pode dizer que foi o primeiro do seu tempo, e a dramática, em que se sobressaiu notàvelmente.

(Continua)

OS NOSSOS MONUMENTOS

Sé de Braga

A Sé de Braga é tão velha que não se sabe ao certo o ano da sua edificação.

Calcula-se que se tivesse erguido poucas dezenas de anos depois do ano 1.000, e em local onde em tempos da pré-história da península, existia um convento destruído no século VIII pelos mouros invasores.

Em Portugal é a edificação que ascende a era mais remota.

Na construção, concluída no século XII, os seus traços primitivos foram-se apagando devido a numesos enxertos feitos em várias épocas pelos Arcebispos e Senhores de Braga, desaparecendo a sua feição de arte borgonhesa.

Todavia, ainda se conservam traços originais que nos permitem com relativa facilidade levar a bom termo as obras de reconstituição. Nota-se que, se a Velha Sé perdeu com tanta pureza de estilo o interesse arqueológico como monumento romântico, muito ganha na riqueza das esculturas e decorações.

Da antiga Sé, relembra-se com glória a Porta do Sol e as duas Arquivoltas do Arco Principal.

Das modificações citarei: a formosa e elegante galilé construída em 1500 às ordens de D. Jorge da Costa, cuja abóbada ogival oferece abrigo aos fiéis; as esbeltas grades de ferro forjado, em estilo Renascença, que encerra a galilé; a Capela-mor em forma pentagonal, obra de opulenta ornamentação mandada executar pelo Arcebispo D. João de Sousa, em princípios do século XVI; existindo ainda um número apreciável de modificações, umas para melhor outras para pior, que nos ocuparia o espaço todo, se fôssemos a descriminá-las.

Coberta de elegante abóbada polinervada, possui, por cima do altar, uma graciosíssima escultura da Virgem, e outra jóia de rara beleza e valor arquitectual que é o frontal do dito altar.

Tudo isto é insuficiente para se formar uma ideia do seu valor arquitectónico.

Convém, todavia, salientar que é neste Convento que se encontram as cinzas do Conde D. Henrique e de D. Teresa, que foram pais do Conquistador e Guerreiro D. Afonso Henriques. A' direita da porta principal está o sarcófago de cobre dourado, com estátua jacente do Infante D. Henrique.

Na Capela do Livramento vê-se a múmia do Arcebispo D. Loureiro.

Na sacristia encontra-se um tesouro artístico que dificilmente outro haverá que se lhe possa pôr ao lado e competir com a sua beleza.

A Sé de Braga através de muita centena de anos representa a metrópole religiosa do País.

Rogério dos Santos Policarpo
)Aluno n.º 123)

O Baixo Alentejo

O Baixo Alentejo tem um clima mediterrâneo, isto é, caracterizado por estios secos e quentes e invernos suaves com aguaceiros.

Fronteiriço à Espanha, apenas o Guadiana e dois dos seus afluentes, o Ardila e o Chança, o separam do país vizinho.

Dum e doutro lado da fronteira, as mesmas planícies e planaltos, as mesmas culturas cerealíferas e os mesmos montados de sobreiros e azinhos. O alentejano, é modesto e honrado, e na sua face morena, vítima dos implacáveis raios do sol, paira sempre um sorriso consolador para os fracos e oprimidos.

De olhar inteligente, senhor de uma calma, talvez excessiva, bizarro e folgazão, hospitaleiro e comunicativo, o alentejano exprime na sua maneira de ser, a grandeza austera da região que habita. Quando nas extensas e alinhadas estradas, que sulcam pelas charnecas ladeadas por matas de estevas escuras, sob o calor dardejante de um sol sertanejo, avistamos ao longe uma nuvem de poeira, que a luz ilumina, e ouvimos o barulho das campainhas e dos guizos na coleira de uma parelha, é o feitor, que regressa da feira da vila concelhia ou do mercado mensal da cidade de Beja, onde foi tratar dos negócios respeitantes à lavoura.

Mais atrás, vem o arreeiro no seu carro toldado, puxado por duas possantes mulas, trazendo as compras do patrão; peças de charrua, pás, picaretas, sempre necessárias ao trabalho agrícola; seguindo-o, vem o pastor, com o seu traje típico, feito de pele de cabra, cajado ao ombro conduzindo uma manada, uma vara ou um rebanho, que o patrão comprou por bom preço na corredoira da feira ou do mercado.

Ao longe, um pontinho branco se destaca no cômoro de um outeiro: é uma herdade, «um monte alentejano», com as suas casas e o seu forno muito caiados, particularidade a que os alentejanos dedicam grande atenção.

Para lá se dirigem o feitor, o arreeiro e o pastor; lá, à sombra do celeiro ou debaixo do alpendre, patrão e criados, depois de jantarem todos à mesma mesa, dormirão um sono reparador das fadigas desse meio dia e se lançarão novamente ao trabalho, pois carece-se de braços, o tempo corre célere e aproxima-se a sementeira, início das lutas, que o homem trava com aquela terra abençoada, que é o Celeiro de Portugal.

Lisboa, 20/2/952.

Francisco Vargas Correia
(Aluno C. G. C.)

Missões de Estudo

Continuação da 1.ª página

nos deste Instituto, se bem que estes assuntos também interessem aos Cursos de Indústria, porque muito há ainda a fazer no capítulo da exploração mineira, aproveitamentos hidro-eléctricos etc., essa viagem seria particularmente proveitosa aos do Curso de Contabilista, donde sairão os futuros oficiais de Administração militar ou naval, os licenciados em Ciências Económicas e Financeiras ou os peritos contabilistas, pois teriam ocasião de observar directamente os recursos e as actividades económicas da mais rica das nossas províncias ultramarinas, isto é, grande parte daquilo que constitui objecto das cadeiras de «Geografia Geral e Económica», «Geografia Económica de Portugal e Colónias» e «Matérias Primas» do seu curso.

Enfim, a ideia está lançada! Outros, que não eu, pois em breve abandonarei estas lides escolares, lutem pelo seu triunfo, se, porventura, acharem que vale a pena.

Que nisto, como em todas as coisas da vida, «tudo vale a pena, quando a alma não é pequena»...

MÁRIO TELES PAMPLONA
Major de Infantaria

PASSATEMPO

Número 5

Substitua os pontos por letras de de forma a constituir nomes de:

INDIA
LUANDA
VERA CRUZ
LIMA
.O.
...S....
PATRIA
ANGOLA
IMPERIO
TIMOR
....U...
G....
ROMA
.E... .....
.....S.
LOURENÇO MARQUES
.... S....

Aluno n.º 386 do 2.º ano
Formação

Solução do Passatempo n.º 4

CamõEs
Gentil MarqueS
BoCage
José Rosado
JúLio Dinis
Almeida GarreTt
MáriO Domingues
FerReira de Castro
AlexandrE Herculano
CaStilho
João de DEus
Afonso LoPes Vieira
Guerra JunqueirO
Gil VicEnte
Trindade Coelho
Fernando PessoA
JoSé Régio

João Fernando dos Santos
al. 215

VIDA DESPORTIVA DO I. P. P. E.

Poule final do torneio de futebol da M. P.

1.ª JORNADA

Pupilos, 0-Colégio Clenardo, 1

Para este jogo de grande expectativa, disputado no campo pelado contíguo ao campo de treinos do Estádio Nacional, formaram as seguintes equipas:

Pupilos — Monteiro; Brites e Aleixo; Pontes, Rodrigues (cap.) e Gomes; Braga, Sousa, Verde, Caxide e Nunes.

C. Clenardo — Machado; Lopes e Garrido, Rodrigo (cap.), Mesquita e Vítor; Filhó, Jara, Topa, Tavares Carvalho e Eliezer.

O golo da vitória foi obtido aos 7 minutos da 1.ª parte, por intermédio de JARA. Na sequência de um avanço bem gisado, o esférico foi ao interior direito colegial que, um pouco descaido sobre a direita atirou enviezado e fora do alcance de Monteiro.

Aspectos gerais

O jogo teve início às 17,08 horas. O primeiro contratempo que tivemos foi a mudança de campo, inicialmente marcado para o encontro. O facto de se trocar o relvado, pelo pelado trouxe os naturais inconvenientes do calçado próprio para o piso e a diferença dos ressaltos da bola, grandemente influentes na factura do jogo.

A peleja teve um princípio muito equilibrado e com nervosismo excessivo. Esta feição durou até aos 3 minutos, pois a partir daí começou a notar-se a boa disposição atacante do Clenardo, ao ganharem um canto devido a defesa quase instintiva de Monteiro.

O ataque colegial continuou cada vez mais confiante e obrigou Monteiro a nova defesa, aos 6 minutos. Começou a desenhar-se a fraqueza do nosso flanco direito defensivo onde Brites, muito nervoso, e Pontes, absolutamente apático, eram peças de fácil manobra para a sua asa esquerda adversa. Veio o golo e a desorientação reinou como grande senhora na nossa defesa, excepção feita a Aleixo, com uma férrea vontade e belo sentido de velocidade e antecipação.

Aos 8 e 8,5 minutos registaram-se mais duas defesas de Monteiro, a reflectir o estado de domínio perfeito que o Colégio Clenardo nos impôs.

Por volta da meia-parte, esboçou-se uma leve reacção pilónica que frutificou em 2 cantos que Braga marcou sem resultado.

Mas foi sol de pouca dura, pois os nossos adversários, aos 21 e 24 minutos atiraram duas bolas à trave e ao poste, respectivamente, que seriam fatalmente dois tentos. Bastante sorte nossa, portanto!

Aos 27 minutos, perdemos a nossa grande oportunidade de marcar, por precipitação de Verde.

E nada mais a registar até ao final da 1.ª parte. Os principais factos desta foram: a desorientação absoluta da nossa defesa em globo, as excelentes actuações individuais de Aleixo, Mesquitela e Garrido e a férrea vontade de vencer, dos colegiais.

A 2.ª parte que teve início às 17,48, foi absolutamente nossa, mas com improficuo e inconsciente domínio! Quase não tem história pois os nossos ataques eram quase sempre iguais, como passados a papel químico, caracterizados essencialmente pela ausência de veia, de genica, de inteligência.

Pode-se jogar mal, mas como o fizeram os nossos interiores (principalmente Sousa) é demasiado.

Verde, um lutador viril e denodado, infeliz em muitos lances, nada podia fazer sózinho.

E o jogo terminou com um perfeito calafrio dos 2-0, pois Tavares Carvalho falhou, diante das nossas redes, um golo certo.

Apreciações individuais

Preferimos não nos espraiar na justa apreciação da nossa péssima exibição, que nos pode vir a tirar um título que nos ficaria bem, pois jogamos incomparàvelmente mais e melhor do que mostramos nesta partida.

Diremos apenas que: Brites, Pontes, Sousa, Caxide e Nunes foram elementos de produção negativa; Monteiro (sem culpas a apontar), Rodrigues (regular em todo o jogo), Gomes (muito esforçado, com a pecha de manter tempo demais a bola em seu poder) e Braga (pelo perigo dos seu centros), cumpriram dentro de uma modesta mediania.

Mas os nossos melhores elogios, os únicos afinal, vão para dois lutadores de alma e perserverança, dois exemplos de autênticos pilões. Verde, esforçado ao máximo e muito principalmente Aleixo, que nos extasiou com a sua magnífica actuação. Foi a figura do encontro e merece bem os mais acesos parabéns.

A equipa adversária teve um comportamento excelente, que suplantou tudo o que poderíamos snpor: Mesquitela, Garrido, Jara e Rodrigo, por esta mesma ordem, foram as figuras mais destacadas dum bom conjunto.

Agradável arbitragem e correcção elogiável das duas turmas.

O resultado final aceita-se como certo, pela tarde infeliz da nossa equipa acumulado à boa disposição do Colégio Clenardo!

David Nogueira Sequerra

2.ª JORNADA

Pupilos, 8-L. de Gil Vicente, 0

Jogo realizado no dia 8 de Março no campo de treinos do Estádio Nacional (piso duro).

As equipas formaram:

Pupilos — Monteiro; Brites e Aleixo; Pontes, Rodrigues (cap.) e Gomes; Braga, Sousa, Verde, Caxide e Nunes.

Gil Vicente — M. Pereira; (depois Silva); Bicho e Castro; Maurício (cap.), Renato e Mourão; Barral, Serrano, Silva, (depois Pereira), Coelho e Ferreira (depois Fernando Ló).

1.ª Parte: Início 16,65

Golos: 1-0, aos 7 minutos, por PONTES, em magistral recarga, na sequência dum livre de canto, a uns 35 metros das malhas. Excelente golo!

2-0, aos 8 minutos, por SOUSA, com um tiro sesgada, a concluir boa avançada.

3-0, aos 2 minutos, por SOUSA, após veloz fuga de Braga, com toque para Verde; este tocou atrazado para o marcador e o remate partiu indefensável.

4-0, aos 24 minutos, por RODRIGUES, na execução de um castigo máximo, por indiscutível mão de Mourão. Gostámos da execução do castigo, rasteiro e bem colocado.

5-0, aos 28 minutos, por NUNES, num remate despedido do centro do terreno e que era absolutamente defensável. A bola passou mesmo por cima da cabeça do guardião liceal.

2.ª Parte: Início 17,36

Golos: 6-0, aos 8 minutos, por BRAGA, a aproveitar à boca das redes um centro largo de Nunes.

7-0, aos 15 minutos, por RODRIGUES, transformaudo outro penalty, por mão de Renato, que não existiu. Autêntico brinde do árbitro.

8-0, aos 20 minutos, por BRAGA, no seguimento de uma jogada bem delineada entre o marcador e Verde.

Jogo de fácil manobra para a nossa turma. A equipa do Liceu de Gil Vicente desiludiu-nos por completo, pois quase podemos afirmar que não construiu uma só jogada de mérito.

Com um guarda-redes de ocasião na primeira parte, e outro "brincalhão„ na segunda, tudo se nos tornou fácil, pois três dos nossos tentos foram absolutamente consentidos.

Na nossa equipa, houve muita precipitação nos primeiros 20 minutos, e muitos driblings nos últimos 20. No entanto, globalmente, fez uma boa partida, sem grandes rasgos a apontar.

Realce a Rodrigues, Aleixo, Sousa, Caxide e Braga (este só na 2.ª parte). Nunes, e principalmente Verde, em tarde cinzenta, destoaram do conjunto.

Dos vencidos, Mourão, Renato, Barral, Maurício e Coelho (muito pessoalista), por esta mesma ordem, foram os únicos que atingiram razoável bitola. Arbitragem certa, com o grande erro já aludido, da grande penalidade.

Hand-Ball de Sete

1.ª Jornada

VANGUARDISTAS A

Pupilos, 0-Ateneu, 5

Antes do encontro era grande a expectativa pelo que os nossos miúdos seriam capazes de fazer. A disposição de espírito era excelente, mas há certos imponderáveis com que teremos de contar.

As duas equipas alinharam:

Pupilos — Horta; Veríssimo e Monteiro Abrantes; Moura I, Certã e Correia I.

Ateneu — M. Francisco; C. Alves e J. Rodrigues; J. Costa; Fonseca, Cristóvão e C. Alberto.

Pertenceu-nos a bola de saída. Eram nove horas e vinte e dois minutos. Durante os 5 primeiros minutos, a nossa equipa exibiu-se a grande altura, dominando abertamente, mas sem resultados práticos por deficiência no remate. Perto da nossa área houve uma falta contra nós que nada resultou.

Aos 7 minutos Abrantes, de perto de meio campo, mandou um remate potentíssimo, que «queimou» os dedos do guardião adversário, mas a bola, caprichosamente, bateu na quina do poste, e o golo perdeu-se por infelicidade. Foi o melhor remate do encontro. Os remates dos nossos avançados continuaram a aparecer constantemente, mas o golo andava arredio, e foram os nossos adversários que marcaram, sendo no entanto o golo invalidado, pois o marcador estava dentro da área. Perto do fim do primeiro tempo Cristóvão marcou o primeiro golo da sua equipa, estabelecendo o resultado da primeira metade do encontro, com largas culpas para Horta.

No 2.º tempo houve modificações no nosso grupo. Abrantes passou para o eixo do ataque, Correia II entrou para extremo direito, derivando Moura I para médio e saindo Certã.

Logo no início, Horta efectuou boa defesa a remate de Cristóvão.

O jogo continuou equilibrado, e viu-se C. Alberto a perder uma boa oportunidade, quando estava sózinho em frente da balisa. Abrantes marcou mal um livre perto da área, e a ocasião perdeu-se. Aos 3 minutos, 2-0. Novamente Horta foi o culpado. Aos 4 minutos Abrantes, conduzindo uma boa avançada, atirou à trave.

Aos 6 e 6,5 minutos, Horta distinguiu-se em duas boas defesas. Aos 10 minutos Cristóvão marcou o 3.º golo. Logo em seguida o árbitro, inexplicàvelmente, transformou uma grande penalidade nítida em um livre perto da área, prejudicando-nos enormemente. Na sequência desse lance, Cristóvão marcou a 4.ª bola, e aos 12 minutos o mesmo jogador fez o resultado final.

Apreciações gerais

Horta, a par de algumas boas defesas, foi nítido culpado em dois dos tentos sofridos. A defesa actuou bem. com o senão de não marcar bem os avançados contrários. Tanto Monteiro como Veríssimo, interceptaram muito jogo, e por vezes formaram bem uma parede defensiva. Abrantes foi a grande figura do encontro, pelo que jogou e obrigou os outros a jogarem, tendo sido o nosso elemento mais perigoso a rematar. Aquele tiro de quase meio campo merecia melhor sorte. Na linha avençada, Moura I foi o elemento mais habilidoso e produtivo. É pena ser tão frazino e cansar-se com tanta facilidade. Certã, que habitualmente é um bom elemento a rematar, acusou a responsabilidade do encontro, descontrolando-se e perdendo por isso óptimas ocasiões de marcar. Correia 1 esteve discreto. Os suplentes utilizados não agradaram.

Na equipa do Ateneu, o melhor sector foi o atacante, com relevo para Cristóvão que marcou todos os golos da sua equipa. Os seus companheiros, Fonseca e C. Alberto, também mostraram boas qualidades e habilidade para a prática deste desporto. M. Francisco impressionou bem pela sua calma nos remates que foram dirigidos às balizas da sua guarda.

A arbitragem foi simplesmente infeliz, e, se não estivessem em luta duas equipas correctíssimas, os erros cometidos poderiam dar maus resultados.

Esperamos agora com calma os restantes encontros, certos de que o brio e a «alma Pilónica» farão prodígios.

Fernando Loureiro
aluno n.º 390

2.ª Jornada

Pupilos, 0-Marquês de Pombal, 4

Alinhámos com: Horta; Veríssimo e Monteiro; Correia I, Moura I, Abrantes e Certã. Sup.: Correia II.

Boa exibição da nossa equipa, ofuscada pela franzinês excessiva dos nossos rapazes, e pelo muito azar que nos perseguiu. Abrantes por 3 vezes e Correia I (numa bola muito duvidosa), podiam ter marcado sem favor.

Tal como na 1.ª jornada, fracassámos demasiadamente para o fim. Agradou-nos francamente a exibição de Correia I, como «pivot», bem secundado por Abrantes, muito precipitado e Montairo, com boa colocação e espírito de antecipação.

Horta continua a não inspirar confiança. Os restantes banais.

Arbitragem medíocre.

DAVID NOGUEIRA SEQUERRA

Campeonato Provincial da M. P.

VOLLEY-BALL

Terminou no dia 9 o apuramento dos vencedores da Zona das Escolas Técnicas em que os nossos representantes tiveram excelente actuação. Resultados feitos nos últimos encontros:

Dia 2 de Março

INFANTES

Jogadores utilizados: Etelvino Dias, António da Silva, Raúl Pereira, António Leal, António Policarpo e António Mendonça. Suplentes: Domingues Ferro e Joaquim Vilarinho

Pupilos, 2-E. Pedro de Santarém, 0

» 2-E. Marquês de Pombal, 0

VANGUARDISTAS-A

Componentes da equipe: Manuel Santos, Rui Luc, Helder da Silva, Artur da Costa, Mário Pereira e Vítor Santos. Suplentes: João Lusa e Joaquim da Silva.

Pupilos, 2-E. Veiga Beirão, 0

Dia 9 de Março

VANGUARDISTAS-A

Pupilos, 2-Marquês de Pombal, 0

Pupilos, 1-Ferreira Borges, 2

Vital dos Reis

Noticiário Desportivo

A classificação obtida pelas nossas equipes de Volley-ball na Zona das Escolas Técnicas foi a seguinte:

VANGUARDISTAS-B — 1.º lugar
» A — 2.º »
INFANTES — 1.º »

Continua na 2.ª página

ANO II — ABRIL DE 1952 — N.º 17

O jornal dos Pupilos do Exército

Deus, Pátria e Família

QUERER É PODER

REDACTORES PRINCIPAIS: *David Sequerra e Vital dos Reis* DIRECTOR: **FERNANDO LOUREIRO** EDITORES: *Cursos Finalistas*

Red. e Adm.: Trav. de S. Domingos de Benfica / Lisboa / Publicação Mensal / Propriedade do I. P. P. E. / Comp. e imp. na Gráfica Almondina / Torres Novas

AUTORIDADE

NAS relações entre mestres e discípulos, a *autoridade* não é atributo conferível pelo simples exercício da função. Desse exercício resultam apenas, para uns e outros, direitos e deveres.

Do cumprimento escrupuloso desses deveres e do comedido uso desses direitos dimana a autoridade; sem ser necessário que aquele escrúpulo tenha as impecáveis características de rigor duma demonstração geométrica, nem ser, a nenhum título, louvável que este comedimento tenha a desoladora aparência duma abdicação. Na observância do dever, o rigor é um ideal que a imperfeição humana não atinge; na invocação do direito, a sobriedade é uma virtude que a nobreza moral não dispensa. Porque é necessário descontar nos direitos da própria personalidade as insuficiências da sua perfeição.

A autoridade do discípulo, apoia-se inicialmente no seu empenho de aprender; porque se esse empenho claudica, diluindo-se na aspiração mais forte dum diploma, mal vai à sua sinceridade; se enfraquece, atenuado pelo desleixo, mal vai aos seus deveres; se o anula ou perverte a descrença, mal vai à firmeza do zêlo ou à consciência dos seus direitos. A essa autoridade fortalece-a a diligência de colaborar e confirma-a o desejo de inquirir. Dá-lhe força a moderação com que se mostra e brilho a penumbra em que se esconde. Quanto mais hesita em se exprimir, menos se arrisca a ofender. E se a prudência pode às vezes comprometer os seus benefícios, não pode a cortezia obscurecer as suas razões. O que é indispensável é que a não macúle uma torpeza, que a não desonre uma traição, que a não avilte uma calúnia, que a não enegreça uma cobardia.

A autoridade do mestre resulta da evidência e continuidade do seu esforço, do acerto do seu método, do interesse da sua exposição, da sua cultura, do vigor da sua inteligência; mas não procede menos do equilíbrio das suas faculdades de julgador, da sinceridade do seu desejo de ensinar, da lealdade do seu trato, da compostura do seu porte. E atributo dos seus méritos e consequência dos seus actos; apanágio dos seus talentos e galardão de suas virtudes. Não a promove o desejo próprio, nem a tolhe a vontade alheia; antes o primeiro, por desvairada ambição a deprime e a segunda, por injusta afronta a engrandece. Exalta-a a própria negligência de se afirmar, nobilita-a a mesma dúvida de se reconhecer. E, se a não empalidece a injúria também a não acrescenta a lisonja. Por isso mesmo, é dom que se não confere, qualidade que se não ostenta, riqueza que se não furta.

(extraído do «EPÍTOMES» do Prof. *Aureliano de Mira Fernandes*)

O 9 DE ABRIL

Mais uma vez, a Liga dos Combatentes da Grande Guerra promoveu no dia 9 uma romagem ao túmulo do Soldado Desconhecido, no Mosteiro da Batalha.

Além dos combatentes que se inscreveram nessa romagem, seguiram também viagem, como convidados, representantes da imprensa, dois internados do Asilo dos Inválidos Militares de Runa, um representante da Casa Pia de Lisboa, um representante dos Escuteiros de Lisboa, e um aluno de cada um dos estabelecimentos militares: Pupilos do Exército, Colégio Militar, Escola Naval e Escola do Exército.

A concentração dos romeiros fez-se às 7,30 h. na Praça dos Restauradores, e às 8 horas iniciou-se a viagem.

Cerca das 10,30 tomou-se o pequeno almoço nas Caldas da Rainha, no restaurante-bar da Empresa Capristanos, proprietária do auto-carro em que os romeiros viajaram.

Cerca de duas horas depois, nova paragem, para o almoço, que foi magnìficamente servido na Pousada de S. Martinho. A's 14 horas chegámos ao Mosteiro da Batalha, onde todos guardaram dois minutos de silêncio junto do túmulo do Soldado Deconhecido, que seguidamente foi totalmente coberto por ramos de flores dos combatentes portugueses, franceses, belgas e americanos, da Casa Pia de Lisboa, do representante do jornal «República» e mais pessoas que se juntaram aos romeiros.

A's 16 horas iniciou-se a viagem de regresso, tendo a chegada a Lisboa sido verificada perto das 19,30.

Nesta romagem, recordaram-se feitos da Grande Guerra, especialmente na Batalha de La Lys, decorrida no dia 9 de Abril de 1918. Decorreram portanto já 34 anos sobre essa data, mas a visão do perigo que todos passaram, e da grandeza da luta em que todos os portugueses foram heróis, mantém-se viva em todos os espíritos que directamente nela intervieram.

Durante o almoço, as recordações foram-se desfiando, e assim ficámos a saber que, quando os alemães atacaram em massa cantando vitória, no peito dos portugueses, abandonados por todos, soava um grito: «Nós ainda cá estamos!

E estavam, de facto. Enquanto tiveram balas não pararam de disparar, infligindo pesadas perdas ao inimigo. E, quando as munições acabaram, ainda restavam as baionetas caladas, com que, reunidos em pequenos grupos, muitos heróis defrontaram o inimigo, e pagaram com a vida a locura dos homens...

Mas a nossa atenção foi desviada para outro ponto da sala. Um antigo combatente, pertentencente à artilharia, contava o que havia sido a libertação de Lille, após 4 longos anos de cativeiro. Vou tentar descrever o que ele disse, empregando por isso as suas palavras:

—«Não queiram saber o que foi a libertação de Lille! A população, ao ver chegar mais tropas, arreceou-se mais da sua sorte, e fugia. Em vão chamávamos: mademoiselle, madame... Ninguém se queria chegar a nós, e começámos a pensar que os habitantes de Lille eram ingratos, mas não tínhamos razão, como nos demonstrou uma linda «demoiselle», que nos respondeu aos chamamentos: «Vous êtes boches?». Que alívio sentimos. Era com receio de que fôssemos alemães, que eles fugiam, e então, quase simultâneamente, saiu-nos do peito um grito: «mademoiselle, nous sommes Portugais!». Foi uma coisa inacreditável. A pouco e pouco foram aparecendo outros habitantes da cidade, em silêncio, caminhando devagar. Mas de repente tudo mudou. Como impulsionados por uma mola, correram para nós, e várias excla-

BOCAGE E A POSTERIDADE

Por CARIOL CRISTO

«Em vão corvos da inveja à glória grasnam».

Foi assim que Manuel Maria Barbosa du Bocage, o excelso Elmano Sadino, viu aquilo que em vida lhe fizeram e visionou o maldoso seio em que a posteridade o recebeu. De Bocage, hoje só resta o que de ele era jocoso e tudo quanto a inventiva mente lusitana criou de mais reles, para colocar na sua boca. A par de um ou dois sonetos que ainda ilustram os livros de leitura das nossas escolas, a juventude, e infelizmente nem só ela, dele apenas conhece, a frase chula e obscena anedota. Mas, se ao menos elas fossem totalmente o testemnnho da verdade...

O autêntico Bocage que iluminou toda uma época, o maior repentista que falou a lingua portuguesa, o imortal poeta que traduziu Castel, Delile e La Fontaine, a ponto de valorizar os próprios originais, que interpretou Ovídio e Anacreonte, tornando possível a leitura de páginas, até então apenas soletradas, o poeta de Heró e Leandro, dos idílios, das canções e das odes de inspiração tão pura e melodiosa, esse ninguém o conhece.

Conhecem é um Bocage, poeta chocarreiro, estúrdio e devasso, curtindo no Nicola a embriaguês e o fumo, e soltando graçolas impertinentes.

Um Bocage que brincava com os Reis e Intendência (como se isso fosse possível!), sem nunca ter tido na sua mente um rasgo de mérito.

Essa caricatura abjectamente traçada, é um monstruoso crime que se fez e que ainda hoje teima em persistir, sobre a memória do maior génio poético do seu século.

Frequentou botequins? Alguns dos seus versos estão salpicados com palavras do povo? Também Camões os frequentou e alguns dos seus versos não são de todo decentes. O Canto IX dos Lusíadas não é lido nos liceus femininos.

Antero, não foi grande pelos cálices de Genebra que bebeu, mas pelos seus sonetos.

Junqueiro, o poeta dos «SIMPLES», tambem escreveu o «PEDRO SORIANO».

«OS VENCIDOS DA VIDA», que só por si formaram uma época de magistrais mestres, não são conhecidos pelas suas pantagruélicas ceias no Tavares, mas pela grandiosa obra que ficou.

Sòmente Bocage é conhecido pelas suas sátiras e pela versalhada de pé-quebrado que lhe atribuem.

Mas se os portugueses não lhe deram o valor que merece, já alguns estrangeiros de grande vulto não lhe regateiam honrarias.

E assim, Olavo Bilac dizia em 1917, numa conferência sobre o imortal vate, realizada em S. Paulo: «Um século de vergonha pesa sobre a alma de Elmano. O que aconteceu à sua memória é doloroso e revoltante. A' volta do seu nome chegou a formar-se uma atmosfera de depravação e de escândalo.»

E mais à frente lamentou sinceramente que «todas as gerações que se seguiram à sua, têm inventado sujas trovas e tolas quadrilhas, que a ignorância do populacho vai atribuindo à autoria do mais límpido versificador que jamais praticou a nossa língua.»

Nessa conferência critica Teófilo Braga, pelo facto de este atribuir a Elmano a quadra:

«Eu sou Bocage,
Venho do Nicola,
Vou para o outro mundo,
Se disparar a pistola

como se porventura essa prodigiosa imbecilidade pudesse sair da inteligência e da boca de Elmano, por mais que lhe tivessem embrulhado as ideias e a língua com os carrascões das tascas.»

«Mas o maior crime parece ser ainda o de lhe atribuirem o soneto Ditado na Agonia:

Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei!...

que apareceu pouco depois da sua morte e que o morgado de Assentiz lhe teria colhido palavra por palavra, dos lábios quase frios, escrevendo com presteza taquigráfica.» Agora é o senhor Gomes Monteiro que nos diz isto:

«Note-se que este soneto é a renegação

Continua na 2.ª página

DOR DE ALMA

Felizes vós, crentes que tendes um fim, que lutais por um ideal que vos anima nas horas mais amargas.

Felizes vós qué ao sabor da alegria esqueceis as negras nuvens da tristeza.

Felizes vós que albergais no peito um sentimento nobre, que sentis o coração a pulsar por alguém a quem consagrástes o vosso amor, que desesperais e chorais nos momentos de maior incerteza; felizes vós que chorais... porque de há muito que as lágrimas em mim secaram. Não tenho mais. Chorei-as todas, por ela...

Por ela..., só por ela..., sofri os maiores dissabores, lutei contra todas as dificuldades, e no fim, fugiu-me.

Então, não pude mais; o corpo vivia, mas já morrera a alma. Durante meses, lutei contra a lassidão que de mim se apoderava. Tudo em vão, esforços inúteis. E desde então, passei a ser aquele pária que se despreza, aquele mendigo que implora carinho; desci às maiores misérias, vivi nos piores abismos, degradei-me ao mais alto grau.

Em meu redor nada me atraía. Tudo era oco, vazio, indiferente. Vivia na escuridão.

Mas, uma luz brilhou! Trémula a princípio, tornou-se depois mais viva. E, essa luz foi aumentando, hora a hora, dia a dia, e assim, em meu peito uma alma nova ia crescendo. Era ela..., não, era engano... mas... sim, era ela que corria para mim.

Estendi os braços e apertei-a contra mim. Durante momentos assim nos conservámos e depois, colaram-se os nossos lábios.

Mas que se passara? Que estava eu fazendo? Decerto sonhara...

E a luz apagou-se.

Lisboa, Março de 1952.

GIOTA

ESTE NÚMERO DO "JORNAL DOS PUPILOS DO EXÉRCITO„ FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

mações se ouviam: «sont les Portugais!». «Les Portuguis arrivent à Lille». «Vive la France, vive Portugal». Saltaram-nos ao pescoço, beijaram-nos, levaram-nos em triunfo e cumularam-nos de gentilezas. Oh! que alegria sentíamos por salvar aqueles seres!...»

E a narrativa foi interrompida, pois a comoção afogou as palavras do antigo combatente. Lágrimas de sincera saudade corriam-lhe pela face, assim como a todos os presentes.

Com um olhar nosso, de admiração, sobre estes heróis, todos desconhecidos, mas com as medalhas dos seus feitos orgulhosamente colocadas nos peitos que se ofereceram às balas, para salvação da Pátria, terminou pràticamente a nossa missão de representante particular dum jornal de estudantes, mas convidado oficial da L. C. G. G. como filho dum combatente.

No nosso espírito, o nosso amor por Portugal, pelo nosso querido país, cresceu muitíssimo, e mentalmente, todos os jovens ali presentes naquela romagem, foram o porta-voz de toda a juventude portuguesa, e, em comum, formularam certamente o mesmo voto: «Portugal! Se formos precisos, chama por nós, que só terás uma resposta: Presentes!»

Lisboa, Abril de 1952.

Fernando Loureiro
Aluno 390

BASQUETEBOL

O basquetebol, desporto inventado por um professor de educação física norte-americano no fim do século passado, expandiu-se ràpidamente em todo o mundo, figurando agora entre os jogos de equipa praticados na maior parte dos países do mundo.

É um desporto educativo em toda a acepção da palavra: desenvolve em perfeito equilíbrio todos os músculos, a rapidez de reflexos e a atenção, aperfeiçoa a corrida e o salto além de estimular em alto grau todas as qualidades indispensáveis aos praticantes dos desportos de equipa — espírito de colaboração e entre-ajuda, a disciplina, etc.. Por isso mesmo foi tornada obrigatória a sua prática em todas as escolas dos Estados Unidos. E, por ser um jogo bastante atraente, é praticado pela maior parte dos cidadãos norte-americanos, tendo-se um exemplo nos torneios disputados nos ginásios, instalados nas caves dos grandes edifícios, entre as várias famílias neles moradores, sendo muitas vezes as «sogras» as orientadoras técnicas.

E para atestar a sua importância, vemos que nos jogos Olímpicos, de verão, o basquetebol enfileira entre os três jogos de equipa neles praticados, juntamente com o futebol e oquei em campo.

E é também uma equipa de basquetebol, que, pela primeira vez, vai dar a volta ao mundo disputando cento e sessenta encontros nos cinco continentes.

Esta equipa, como já devem ter calculado, é a dos «Globetroters», que assim comemoram o 25 Aniversário. Começam a sua viagem no Brasil onde esperam que seja batido o record de assistência de 70.000 pessoas alcançado o ano passado em Berlim.

E para mostrar o interesse que o basquetebol merece nos outros países, diremos que está em construção, no Brasil um estádio coberto com a capacidade de 60.000 espectadores e que os próximos campeonatos da Europa, feminino e masculino, serão disputados num estádio para 100.000 assistentes (quase o dobro do nosso estádio Nacional).

A causa principal do atrazo deste desporto do nosso país, deve-se à falta de interesse dos jóvens portugueses, e não à falta de habilidade, visto que vários jogadores estrangeiros que têm estado entre nós, admiram-se da nossa grande facilidade de assimilação.

E se temos qualidades natas para a prática deste desporto, porque não o havemos de praticar correctamente?

A. A. C. M

BOCAGE
e a posteridade

Continuação da 1.ª página

absoluta do homem e do poeta, contrastando de maneira evidente com toda a sua obra. Só um Bocage totalmente fora de si, seria capaz de tal, pois jamais virou a cara à luta. E se estava fora de si, só dificilmente se crê, que improvisasse soneto tão bem medido e de tão perfeitas hesitações, tão raras nele.»

Bocage nunca deixou de ser crente fervoroso, como se pode ler num dos seus sonetos:

«Um Deus eu adoro; a Eternidade temo
Conheço que há Vontade, e não Destino»

Talvez se referisse à epístola que mandou a Marília, em que diz:

«Há Deus mas Deus de Paz, Deus Pie-
[dade,
Deus de amor, Pai dos homens; não
[flagelo;
Deus que às nossas paixões deu ser,
[deu fogo
Que só não leva a bem o abuso delas,
Porque à nossa existência não se ajusta
Porque ainda encurta mais a curta vida».

São ainda testemunho do grande valor de Bocage, como poeta sério, cônscio e meticuloso, não só a sua extensa bibliografia e a extrema meticulosidade em palavras que poderiam ser galicismos, anotando-as devidamente, como também os vocábulos com que enriqueceu a nossa bela língua.

Este, é que é o verdadeiro Bocage, com «Lucro mesquinho de vigílias duras».

Março de 1952.

ANTOLOGIA

Seríamos injustos se neste cantinho do nosso querido jornal, não apresentássemos um poeta e prosador a quem tanto devem as letras portuguesas.

João de Deus Ramos, nasceu na vila de S. Bartolomeu de Messines, no dia 8 de Março de 1830. Cursou Direito em Coimbra, tendo aí terminado o curso, deixando já o seu nome bem marcado nas letras.

Autor da «CARTILHA MATERNAL», método simples e fácil na aprendizagem das primeiras letras. Este método foi declarado método de leitura nacional. As suas composições poéticas acham-se compiladas no livro que tem por título «CAMPO DE FLORES», devido a Teófilo Braga.

João de Deus, o poeta do amor, alma simples, pura e bondosa, deu-nos sòmente versos de uma ternura infantil que por vezes fazem brotar as lágrimas, ao lê-los.

A 11 de Janeiro de 1896, faleceu em Lisboa, o genial lírico que deixou uma vaga nas letras Pátrias, impossível de preencher.

É dos seus tempos de Coimbra, o soneto que apresento e que é o princípio do maravilhoso poemeto

"A VIDA"

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do túmulo descendo.

Em se ela anuviando em a não vendo,
Já se me a luz de tudo anuviava;
Despontava ela apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gémea da minha, e ingénua e pura
Como os anjos do Céu (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...

Lisboa, Abril de 1952

ARMANDO ALBINO DE OLIVEIRA SOARES

COMO EU VI LUANDA

Depois de três anos de estadia em Lisboa, Luanda surgiu aos meus olhos como uma cidade desconhecida e encantadora pelo seu grande desenvolvimento. O seu porto encontrava-se já equipado com os mais modernos e apropriados apetrechos.

Três anos se tinham passado e centenas de prédios se haviam construído, numa média de três por dia. Na Avenida Marginal, que anteriormente só era rodeada de areia, erguem se agora magníficos e esplêndidos edifícios; dois grandes e majestosos cinemas foram construídos; fora da cidade, num sítio outrora sossegado, nota-se agora grande azáfama na construção duma moderna aerogare.

Nos arredores desta grandiosa obra, aparecem agora dezenas de bairros. A poucos quilómetros da baixa está em construção um soberbo e amplo hospital para indígenas, assim como um grande bairro ùnicamente para operários, este já concluído.

Já hoje a cidade de Luanda é a mais bela de toda a Angola e creio que se há-de tornar uma das mais formosas de África.

Lisboa, Fevereiro de 1952.

Mário S. Pacheco Matias
(Aluno n.º 386)

Passatempo

Número 6

Substitua os pontos por letras formando o nome de:

C.....
.....A
.....P...
...I.
T.....
.A....
....I.
..S....
..D...
....E....
..T....
..O..
D.....
....O.
....O..
M.....
.U.....
...N.
.D....
.....O

Manuel Amândio Dourado
al. do 3.º M. E.

Solução do Passatempo n.º 5

INDIA
LUANDA
VERA CRUZ
LIMA
MOÇAMBIQUE
MOUSINHO
PÁTRIA
ANGOLA
IMPÉRIO
TIMOR
BENGUELA
GUINÉ
ROVUMA
SERPA PINTO
TERCEIRENSE
LOURENÇO MARQUES
ALFREDO DA SILVA

Aluno n.º 386 do 2.º ano de Formação

PÁGINA Literária

Os nossos Monumentos

CONVENTO DE MAFRA

Três anos após o casamento de El-Rei D. João V, não havia esperanças de nascer um herdeiro que após a morte do monarca, tomasse posse da coroa.

O bom rei muito desanimado fez então voto de mandar erguer em Mafra um grande Convento que compreendesse: basílica, convento e palácio.

Nos fins do ano 1711, três anos depois do seu casamento, nascia a princesa D. Maria Bárbara, que veio mais tarde a ser rainha de Espanha.

El-Rei, fiel à sua promessa, tratou logo de comprar terrenos e de encomendar os projectos, bem como os respectivos materiais.

Seis anos após o nascimento da princesa, ou seja em 1717, lançou-se a primeira pedra, numa pequenina festa que custou 200.000 cruzados, moeda então corrente.

A partir desse dia começaram a chegar de todos os pontos do país um mar de gente e de materiais, para a construção do convento cujo número máximo de operários foi de 50.000, nunca atingindo menos de 15.000.

As despesas diárias eram muito elevadas, atingindo em média 70.000 cruzados.

Mafra, nessa altura, parecia uma Babilónia, sendo necessário arranjar uma força armada de 7.000 soldados de cavalaria e infantaria.

Para conduzir os materiais foram necessários 1250 bois, assim como 7.500 carrinhos de mão.

Para a Itália fez se uma encomenda de 3.000 pranchas de madeira, que foram aplicadas na sacristia e no coro; no Brasil encomendaram-se 2.500 pranchas de angelim para a construção de janelas e portas. O mármore utilizado em chapas e nas colunas, foi de Pero Pinheiro.

Após exaustivos esforças em 1730, com uma imponente festa, fez-se a sagração da Basílica, e em 1735 deram-se por concluídas todas as obras.

Esta imponente construção que é hoje o nosso orgulho, custou perto de 50 milhões de cruzados, assim como esforços físicos, sacrifícios e até vidas. Ocupa uma área de cerca de 50.000 metros quadrados, uma fachada de 250 metros, tendo cerca de 4.500 portas e janelas.

O conjunto maravilhoso de 48 sinos que constituem o carrilhão, é o mais interesssnte que se deve salientar.

O seu zimbório é um dos maiores do mundo. Visto pelo interior, a beleza das proporções, os magníficos conjuntos e perspectiva, a formosura e brancura dos variados mármores, formam uma amálgama grandiosa que, para as pessoas que o contemplaram de fora, e entrem em seguida, a impressão que sentiam modificar-se-à radicalmente e ficarão longos minutos a admirar um templo único em Portugal.

A basílica tem duas torres e zimbório e no vestíbulo vêem-se 14 estatuetas de mármore, com dimensões apreciáveis, representando santos, sendo, a de S. Bruno a mais bela.

No Palácio, que abrange a fachada principal, foi instalado um museu em 1911 e uma biblioteca contendo algumas belas encadernações e um grande sortido de manuscritos formando ricas colecções, contendo estas valiosos impressos primitivos. O seu pavimento é de mármore, formando bonito xadrez de várias cores. Em ambas as torres há relógios com grandes dimensões.

O número de sinos é de 114, estando distribuidos por duas torres em partes iguais, sendo 48 do carrilhão de 4 oitavas. O sino maior pesa dez toneladas e meia, e o mais pequeno 30 quilos.

Os sinos vibram por meio de martelos cujo peso é de 300 quilos, pesando os sinos 12 toneladas.

Colado ao Convento, há uma espécie de Tapada com estradas, hipódromo, carreiras de tiro, lagos e belíssimos miradouros de onde se disfrutam lindíssimos panoramas.

Rogério Santos Policarpo
aluno n.º 123

Breves apontamentos sobre literatura

Por ARMANDO SOARES, *aluno 203*

(Continuação)

Outro poeta épico se lhe seguiu foi Jerónimo Corte-Real, 1533, tendo escrito o «Naufrágio de Sepúlveda».

Bernadim Ribeiro (1482), poeta lírico, escreveu «A Menina e Moça». Considera-se o fundador da poesia Bucólica em Portugal.

Sá de Miranda, natural de Coimbra, poeta dum lirismo excepcional, fez com que o soneto e a oitava rima se popularizasse entre nós.

Reformador da forma e do estilo do verso, Sá de Miranda tendo vivido na Itália, perto de seis anos, estudou a poesia de Petrarcha, Dante, Ariosto e outros.

A sua reforma veio a ter a máxima expressão pela publicação dos Lusíadas, em 1572.

Sá de Miranda encontrou a sua maior glória nas Cartas que escreveu.

Não poderei passar sem citar o nome de António Ferreira (em 1528), cognominado o Horácio Português.

Foi um dos poucos escritores do seu tempo, que só escreveu na língua Pátria.

Andrade Caminha (1520), do Porto, inimigo número um de Camões, e um dos que teceram a teia que não puderam prender o seu génio. Imitou António Ferreira, e daqui lhe veio o melhor do seu nome.

Diogo Bernardes (1520), foi escolhido por D. Sebastião para cantar os feitos de Alcácer Quibir, de tão má memória. Depois de 5 anos de cativeiro, regressa a Lisboa e aí escreve a sua obra. Dentre a sua obra há um poema que diz-se ter roubado a Camões.

Citarei agora o Plauto Português, o fundador do teatro português, o grande mestre Gil Vicente (1460).

Talvez tenha nascido em Guimarães, donde veio para Lisboa, a fim de cursar Jurisprudência, sem contudo ter acabado o curso.

O seu talento revelou-se por ocasião do primeiro parto da rainha escrevendo o monólogo do Vaqueiro.

Escreveu em português e castelhano, por ser esta a língua mais falada na corte. Gil Vicente deixou escola, principalmente no teatro popular, em que se evidenciaram António Ribeiro, Baltazar Dias, António Prestes, Simão Machado e outros.

O desditoso António Ribeiro (1530), alcunhado por Chiado, nome porque é vulgarmente conhecido, foi um amigo inseparável de Camões. Professou num Convento da Cidade-Museu, despindo o hábito devido ao seu espírito irrequieto.

Simão Machado, sem dúvida o discípulo de Gil Vicente, era cego e natural da ilha da Madeira, mas a sua expressão simples fê-lo sempre ser compreendido pelo povo.

(Continua)

O Comércio do século XVI ao século XX

O comércio, o grande intermediário dos produtores para os consumidores, é uma actividade hoje considerada indispensável aos modernismos e demais necessidades da vida actual, sempre progressiva, que caracteriza o século XX.

Do século XVI ao século XIX, o desenvolvimento do comércio foi notório, e diversas foram as causas que contribuiram para que todos esses séculos assinalassem um período de Renascimento Universal.

Entre elas, figuram a descoberta da imprensa, que mostrou às letras e às ciências novos caminhos a seguir; as guerras de Itália, que tornaram conhecidos os prodígios artísticos de Roma, Florença e Veneza; a Reforma, que foi algo de importante para o futuro do mundo; as descobertas marítimas de Portugueses e Espanhóis; o extraordinário incremento que tomaram as marinhas das grandes potências navais, etc.

Desde então, as comunicações que se faziam por meio de viajantes ou correios especiais, passaram a ser objectivo dos Estados, adquirindo a regularidade e rapidez dos nossos dias; construiram-se vias de comunicação, denominadamente estradas e caminhos de ferro; abriram-se portos marítimos e fluviais; facilitaram-se as vendas a crédito, com a formação de bancos; adaptou se o vapor à navegação, e montaram-se cabos submarinos, e telégrafos.

Foram estes os factores que originaram que o comércio se desenvolvesse em todo o mundo, que de hora a hora se torna mais pequeno, tal é o sentido empreendedor e a vontade indomável do homem, em vencer todos os obstáculos e dificuldades que se lhe deparam.

Lisboa, Março de 1952.

«A mentira, o roubo, a crueldade, as fraudes e a adulação são os meios mais habituais entre os homens para adquirir fortuna; por isto é que grande número de homens de bem vivem na pobreza.»— *De Vernage.*

A BANDEIRA

Brilhando enfeitada
E já mui cansada
De extrema beleza
Canta vitoriosa
De uma jornada garbosa
A Bandeira Portuguesa.

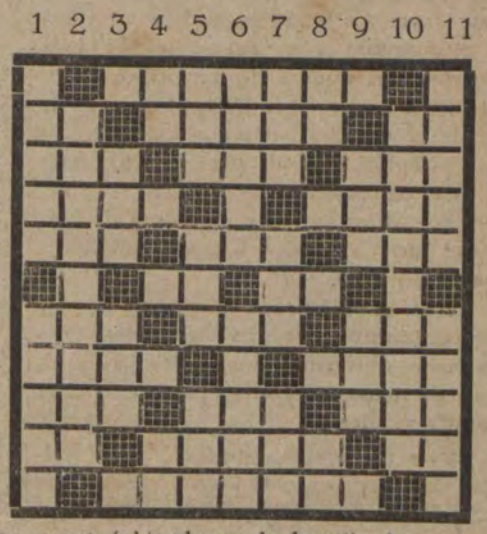
Representou muita vez
O Império Português
A nossa querida Bandeira.
Podemos lembrar-nos bem
Que é a nossa Pátria-Mãe
A eterna companheira.

Devemos de a defender,
Se for preciso morrer
Por ela, que tanto vale,
Devemos certificar
Que bem sabemos amar
A Bandeira de Portugal.

Rui Manuel da Conceição Dias
(Aluno n.º 71)

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 5



HORIZONTAIS: — 1) Automóvel cuja marca é assinalada pela cabeça de um índio; 2) Vácuo; objecto para iluminação; Tecido fino como escomilha, (inv.); 3) Acusadas; existir; nome de homem. 4) Filtrar; empurre; 5) Ocasião; protóxido de cálcio; senhor (ing.); Duas letras de mulher; pronome pessoal. 7) Anda; prefixo designativo de ar; chefe etíope; 8) Ar puro e rarefeito das regiões superiores da atmosfera; abro buracos. 9) Estrela (inv.); aperta; combinação de um ácido com uma base. 10) Artigo (pl.); nome de um peixe de água doce; cruel. 11) Canto harmonioso.

VERTICAIS: — 1) Aponta; aquilo que produz a inflamação num motor de explosão (pl.); 2) Resistências variáveis entre certos valores. 3) Bom; estudei (inv.). 4) Da (ing.); duas letras de barco. 5) Contr. de prep. e art. (pl.); planta da família das teáceas; forma antiga de ar. 6) Assento gráfico; penetro. 7) Moi (inv.); estudar; 3 letras de abelha. 8) Outra coisa; pedra de moinho (inv.) 9) Contr. de prep. e artigo (pl.); batráquios. 10) Esqueciam. 11) Amigar; recreio.

MIGUEL BRAGA
al. do 3.º M. E.

Solução do problema n.º 4

HORIZONTAIS: — 1) — Lápis; melro. 2) Ária; leoa. 3) Ura; ris. 4) Rã; Ramos; ai. 5) Morador. 6) Cá; er. 7) Capelos. 8) Ré; sabor; ar. 9) Olé; omo. 10) País' trom. 11) Assas; amora.

VERTICAIS: — 1) Laura; tropa. 2) Arra; Elas. 3) Pia; eis. 4) La; rocas; sã. 5) Carapau. 6) Má; eb. 7) Modelos. 8) El; soror; tm. 9) Ler; oro. 10) Roia; amor; 11) Oasis; aroma.

OLÍVIO BELO
al. 75

VIDA DESPORTIVA DO I. P. P. E.

POULE FINAL DO CAMPEONATO DE FUTEBOL DE INICIADOS

3.ª JORNADA

Pupilos, 5 Liceu Camões, 0

Jogo realizado no dia 15 de Março no campo de treinos do Estádio Nacional (piso duro).

Com razoável assistência formaram os seguintes grupos:

PUPILOS—Monteiro; Brites, (à 2.ª parte Fernandes) e Aleixo; Pontes, Rodrigues e Gomes; Braga, Sousa, Verde (à 2.ª parte Brites), Caxide e Nunes.

L. CAMÕES—C. Lopes; Novais e Raúl; Calado (cap.), Murteira e Machado; Esparteiro, Vilhena, Guimarães, Sarmento e Gaspar.

1.ª Parte

Início: 17 horas e 7 minutos.

GOLOS:

1-0, aos 20 segundos de jogo, em avançada relâmpago de Verde que deu bem a BRAGA. Este correu uns metros e atirou seco para o ângulo mais fechado mas com boa direcção.

2-0, aos 28 minutos, por SOUSA que, a uns 40 metros atirou um balão sobre as redes liceais, tendo o guarda redes consentido infantilmente o golo.

2.ª Parte

Início: 17 horas e 46 minutos.

3-0, aos 5 minutos por NUNES, que emendou bem uma falha de Caxide após oportuno centro de Braga.

4-0, aos 28 minutos por CAXIDE, que pôs fim a uma grande série de improdutivas insistências com um belo remate ao ângulo superior esquerdo.

5-0, aos 29,5 minutos por NUNES, aproveitando à boca das redes um óptimo passe de Caxide.

Merece que se assinale a facto de Rodrigues ter falhado uma grande penalidade, por mão de Murteira, a salvar um golo certíssimo de Braga.

O nosso capitão tocou a bola para um bom sítio, mas com diminuta força que permitiu a C. Lopes, defender, embora com custo.

*

Este encontro revestiu-se de aspectos bastante insípidos pela pouca animação que teve. Carburámos mal e os golos não surgiram com aquela regularidade desejada. A equipa do L. Camões desfalcada de dois bons elementos, além de já de si ser fraca, deu-nos uma interessante réplica, vincada pela elogiosa faceta da correcção exemplar. Realmente, pode-se dizer que a compostura dos rapazes do Camões, foi a nota predominante do jogo.

O resultado obtido é expressivo mas se repararmos que nos dois derradeiros minutos obtivemos dois golos. A exibição da nossa turma não passou de uma vulgar mediania.

Entre os nossos rapazes é justo realçar uma peça que, de jogo para jogo nos tem mostrado uma irrefutável regularidade de actuação. Nunca atingiu fulgores extasiantes, mas também jamais desce a tardes cinzentas; por isso o elegemos hoje, como figura principal. Referimo-nos ao nosso médio Gomes, um elemento de valiosa utilidade.

Aleixo, com o habitual apego à luta, Braga, com enorme vontade. Sousa, excelente na condução do ataque, estiveram igualmente em evidência.

Caxide, muito apagado, e Pontes em tarde pouco feliz, desconjuntaram o rendimento do «quadrado mágico», essencial para uma exibição em cheio.

Verde esteve irreconhecível e mereceu amplamente a sua substituição. Lento de execução e reflexos, nada fez de valor e constituiu sòmente uma peça negativa.

Monteiro, com escasso trabalho, Brites, vulgar; Fernandes, com interessante estreia; Rodrigues, cumprindo bem, e Nunes, oportuno, mas sem poder de iniciativa, equivaleram-se.

Dos vencidos gostámos do trabalho de Calado, Murteira, Vilhena e Sarmento. Todos merecem, porém, os nossos parabéns, pundonor posto na luta.

Arbitragem sem dar lugar a protestos, bastante aceitável.

4.ª JORNADA

Pupilos, 8 Afonso Domingues, 0

Jogo realizado no dia 30 de Março no campo de treinos do Estádio Nacional (piso duro) e para o qual alinharam as seguintes equipas:

PUPILOS – Nunes; Brites e Aleixo; Pontes, Rodrigues (cap.) e Gomes; Braga, Sousa, Verde, Alves e Caxide.

AF. DOMINGUES—Rocha; Ernâni e Agostinho, Maçaroco, Cavaleiro (cap.) e Ezequiel; M. João, Batista, Motta Barreiros e Manecas.

1.ª Parte

Início: às 11,41 horas.

GOLOS

1-0, por SOUSA, aos 9 minutos, com um tiro bem colocado, por alto.

2-0, por ALVES, aos 11 minutos, após ter driblado excelentemente três adversários, esquivando-se para a baliza.

3-0, por RODRIGUES, na execução de uma grande penalidade, por mão intencional dum defesa, a evitar um tento certo de Sousa, aos 16 minutos.

4-0, por ALVES, concluindo bem uma fuga de Caxide, bem lançado por Gomes.

5-0, por ALVES, finalizando com um remate rasteiro, rente ao poste, uma bela jogada da ala direita.

De assinalar que este primeiro tempo durou menos 4 minutos do que o oficialmente estabelecido, o que demonstra pouco cuidade da arbitragem.

2.ª Parte

Início: 12 horas e 14 minutos.

GOLOS

6-0, por ALVES, a 1 minuto, recargando com êxito um tiro de Braga que recebera a bola em boas condições de Verde.

7-0, por VERDE, aos 7 minutos, pondo termo a uma série de remates de Gomes, Sousa e de ele mesmo, todos defendidos pelo guardião.

8-0, por ALEIXO, aos 20 minutos, após ter captado o esférico a meio campo, progredindo uns 30 metros e atirando forte e rasteiro.

Jogo frio, e insípido, tal como a manhã da sua realização. A equipa adversária não ofereceu réplica condigna e o nosso guardião não fez uma só defesa a remate verdadeiramente dito.

Nomes a realçar: Alves, com exibição prometedora e eficiente, principalmente pelo engodo da baliza atestado pelos seus quatro golos, Sousa, muito útil e esforçado e Brites, em boa colaboração com a frente e bom trabalho de bola. Todos os restantes bem, excepto Verde, um enigma de baixa de forma.

Nos vencidos, todos bastante inferiores com mero realce a Cavaleiro, Ezequiel e Rocha (só na 2.ª parte).

Arbitragem despreocupada com bas tantes erros.

David Sequerra
Al. 333

A propósito da «TAÇA CAMARADAGEM» da Mocidade Portuguesa

Causava estranheza o facto da equipa de iniciados de futebol deste Instituto, aparecer classificada nos últimos postos, na «Taça de Camaradagem» da Mocidade Portuguesa. A esse respeito, publicamos agora um extrato da Ordem do Instituto do dia 24 de Março:

«Tendo a Direcção oficiado ao Ex.mo Sub-Delegado da M. P. em Lisboa, pedindo esclarecimentos sobre a classificação das equipas representativas deste I. P. E. na «Taça Camaradagem» instituída por aquela Organização Nacional, foi pela mesma dada resposta em seu ofício, o qual é do teor seguinte:

— Em referência ao v/ ofício de 11 do corrente cumpre-nos informar V. Ex.ª de que se tem verificado sempre a melhor conduta das equipas representativas do I. P. P. E. nas competições da M. P. podendo a direcção do Instituto da qual V. Ex.ª faz parte, orgulhar-se da sua educação e correcção.

Só por lapso foi tornada pública a classificação da «Taça Camaradagem», tanto mais que a diferença existente entre as equipas é muito pequena e a perda de pontos, da equipa de futebol Iniciados, que se verifica na «Taça Camaradagem», é devida ùnicamente à falta de Emblemas da M. P. nas camisolas do equipamento desportivo, e, que nos termos do n.º 7 do art.º 14 do Cap. 2.º do Regulamento Geral de Concursos e Campeonatos, desta Organização Nacional, é exigido.

Em virtude do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército ser um Estabelecimento de Ensino de natureza puramente Militar, não se justifica que figure na classificação da «Taça Camaradagem» uma vez que o espírito que presidiu à sua Instituição foi o de estimular os centros que, mercê das suas fracas possibilidades materiais e preparação técnica, não deixam de comparecer nas Provas, permanecendo nas mesmas até seu resultado final, por mais copioso que possa ser o número de derrotas e contratempos de qualquer ourra espécie, firmando-se de um espírito de disciplina e camaradagem dignos de nota.

Assim, mais uma vez tenho o prazer de comunicar a V. Ex.ª que no corrente ano de actividades tem sido excelente o comportamento dos alunos do Instituto, o que bastante tem contribuido para elevar o entusiasmo e o interesse com que todas as Provas têm decorrido. Mais me cumpre esclarecer V. Ex.ª que será pois retirada da classificação da «Taça de Camaradagem» a equipa dos Pupilos do Exército.

Julgando ter prestado a V. Ex.ª todos os esclarecimentos solicitados, apresento os meus melhores cumprimentos. A Bem da Nação, Lisboa, 18 de Março de 1952. Ano XXVI da R. N.

Hand-ball de Sete

VANGUARDISTAS-A

Pupilos, 5 António Arroio, 1

Formámos com: Barroca; Veríssimo e Monteiro; Correia I; Moura, Abrantes (4) e Certã (1).

Suplente: Correia II.

A primeira parte foi mais eficiente e produtiva, registando-se o resultado de 3-0. A nossa equipa melhorou bastante neste jogo, em parte pela maior felicidade no remate de Abrantes.

De notar que, pela primeira vez, pudemos contar com a colaboração do nosso guardião efectivo que, com Abrantes e Correia I, constituiu o trio dos melhores. Arbitragem regular.

VANGUARDISTAS B

Pupilos, 11 Fonseca Benevides, 0

Apresentámos: Ressurreição; Dourado (1) e Vargas; Nortadas (cap.); Araújo, Ivo Santos (3) e Romão (7).

Suplentes: Carvalho, Antunes e Ramalho.

Jogo fácil, em que, durante a 1.ª parte, tivemos fulgores de bela exibição. No segundo tempo, onde só marcámos 4 golos, ficou um pouco esquecida a finalidade do jogo: marcar. Realce-se os 7 golos de Romão, com exibição em cheio. Ressurreição, Dourado e Nortadas, estiveram igualmente muito bem. Todos os outros cumpriram.

Pupilos, 3-Marquês de Pombal, 5

Alinhámos: Ressurreição; Dourado e Vargas; Nortadas; Araújo (1), Ivo Santos (1) e Romão (1).

Suplente: Carvalho.

Jogo decisivo em que perdemos bem, a pesar da grande vontade com que lutámos. Alguns erros de arbitragem não chegam para tirar valor à vitória da equipa adversária. Na nossa equipa distinguiremos apenas Nortadás e Romão, e apontamos o excessivo nervosismo de Ressurreição e a maneira rápida como o cansaço chega a Ivo Santos.

David Sequerra

MEIAS-FINAIS do Campeonato de Lisboa de Volley-Ball da M. P.

Dia 30 de Março de 1952

INFANTES

Jogos no ginásio dos Pupilos do Exército:

Pupilos, 2 Albergue da Mitra, 0
(15-4 — 15-5)

Pupilos, 2 - E. Pedro de Santarém, 0
(15-3 — 15-2)

VANGUARDISTAS A

Jogos no campo do Liceu de Gil Vicente:

Pupilos, 2 - C. S. João de Brito, 0
(15-13 — 15-7)

Pupilos, 2 - E. Ferreira Borges, 0
(Vitória por falta de comparência da equipa adversária)

VANGUARDISTAS B

Jogos no campo do Liceu de Gil Vicente:

Pupilos, 2 Patrício Prazeres, 0
(15-11 — 15-8)

Pupilos, 2 Albergue da Mitra, 0
(15-7 — 15-10)

CADETES

Jogo no ginásio do I. P. E.:

Pupilos, 0 Albergue da Mitra, 2
(6-15 — 3-15)

Dia 2 de Abril de 1952

VANGUARDISTAS B

Jogo no campo do Liceu de Gil Vicente:

Pupilos, 2 Braço de Prata, 0
(15-5 — 15-9)

CADETES

Jogos no ginásio do Instituto:

Pupilos, 1 - E. Agrícola da Paiã, 2
(15-11—13-15—11-15)

Pupilos, 2 - O. G. M. Engenharia, 0
(15-6—15-1)

CLASSIFICAÇÕES

Infantes

1.ª série—1.º, Colégio Militar
2.ª série—1.º, Pupilos do Exército

Vanguardistas A

1.ª série—1.º, Liceu de Gil Vicente
2.ª série—1.º, Pupilos do Exército

Vanguardistas B

1.ª série—1.º, Escola Valsassina
2.ª série—1.º, Pupilos do Exército

Cadetes

1.ª série—1.º, Colégio «O Académico»
2.ª série—1.º, Albergue da Mitra

Época de férias

A criada do hotel, à 1 hóspede que acabara de chegar:

— Espero que ficará satisfeito, meu caro senhor. Neste hotel, estará V. Ex.ª como em sua casa.

— Oh diabo! E eu que esperava passar 15 dias descansado!